

MAR-ABR 2018

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 15,50



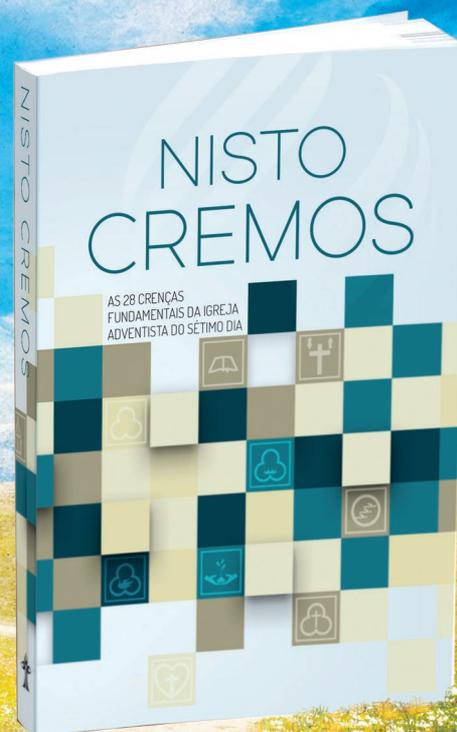
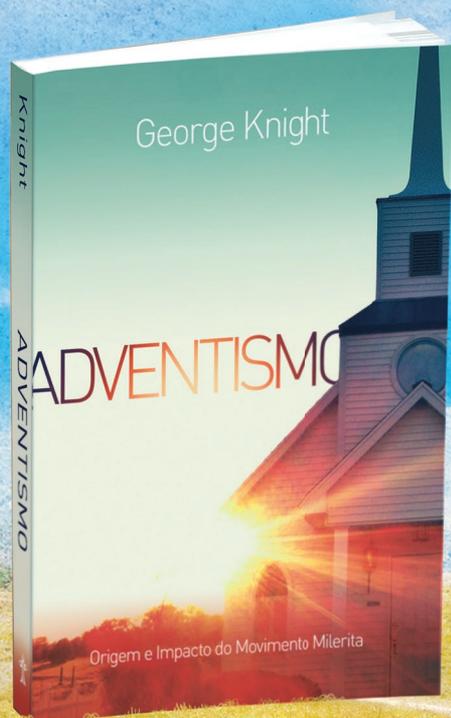
A arte da pregação

O desafio de comunicar a verdade com
urgência, clareza e autenticidade



Lobos

Descubra as raízes DE SUA FÉ



Estas obras têm como objetivo revelar a percepção adventista sobre Deus e as verdades bíblicas. Agora você também pode se beneficiar desta visão, adquirida ao longo dos anos de estudo, oração e relacionamento com Jesus.

Pregação e loucura

Confesso que este texto não nasceu em virtude do tema de capa desta edição. De fato, há algum tempo tenho pensado acerca dos grandes desafios que envolvem a pregação em nossos dias. Parece-me que os padrões que regem a comunicação em massa e os discursos de autoajuda estão assediando pregadores cristãos quanto à necessidade de ser ouvidos, fazendo com que o momento solene da exposição da Palavra seja caracterizado por muitos recursos retóricos e pouca manifestação real do poder de Deus.

Evidentemente, a relação entre pregador, mensagem e audiência deve ser considerada com atenção especial. Afinal, a igreja cristã tem algo de suma importância a proclamar. Entretanto, na busca de relevância e atenção, é preciso que a perspectiva bíblica seja mantida em seu lugar de destaque. Nas Escrituras, um dos textos que me fazem refletir sobre esse processo é o de 1 Coríntios 1:21 a 23: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios.”

Nesse texto, Paulo, na condição de mensageiro aprovado, descreveu o perfil de sua audiência e a essência da mensagem a ser proclamada. Apesar das pretensões e peculiaridades de gregos e judeus, o apóstolo foi categórico em relação ao conteúdo a ser pregado: Cristo! A despeito da distância temporal e geográfica entre a orientação aos coríntios e o cristianismo do século 21, estou certo de que em um mundo plural como o nosso, mais do que nunca a cruz deve ser exaltada, ainda que continue sendo escândalo para alguns e loucura para outros.

Infelizmente, porém, em muitos casos, o que se tem visto é uma distorção da ordem bíblica. Em vez de os cristãos se engajarem na “loucura da pregação”, alguns parecem preferir a “pregação louca”. E o que difere uma da outra? A seguir sugiro algumas distinções.

A “loucura da pregação” está fundamentada nas Escrituras e encontra em todo o seu conteúdo a apresentação do plano da salvação, encarnado em Cristo e visto sob a perspectiva do grande conflito entre o bem e o mal.



Em um mundo plural como o nosso, mais do que nunca a cruz deve ser exaltada, ainda que continue sendo escândalo para alguns e loucura para outros.”

Esse é o fio condutor que mantém a unidade da Bíblia e deve ser enfatizado continuamente no púlpito. Por sua vez, a “pregação louca” está alicerçada na experiência pessoal, nas ciências, no sentimentalismo existencial ou nas agendas que permeiam jornais, revistas e redes sociais. Tal mensagem pode parecer agradável, relevante e até politicamente correta, mas é espiritualmente pobre e incapaz de gerar verdadeiro arrependimento e resultar em salvação.

Além disso, a “loucura da pregação” destaca a obra completa de Jesus. Na linguagem paulina, Cristo “Se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção” (1Co 1:30, NVI). Desse modo, a mensagem cristã não dissocia justificação, santificação e glorificação; assim, a dinâmica da salvação não é mutilada. Em contraste, a “pregação louca” compartimentaliza a obra do Salvador e distorce o que lhe convém. Nesse caso, alguns exaltam a “graça barata”, “sem preço e sem custo” como escreveu Dietrich Bonhoeffer; outros, um “legalismo cristocêntrico”, conforme definiu Martin Weber.

Por fim, a “loucura da pregação” promove uma postura humilde diante da grandeza da graça oferecida por Cristo: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1Co 1:31). Já a “pregação louca” salienta um pretensão poder que o cristão professo recebe ao se admitir salvo. Na contramão do amor e do serviço ao próximo, os adeptos desse tipo de mensagem estão em busca de *status*, poder e bênçãos para satisfação própria e validação de um discurso ilusório e antibíblico.

Diante de nós, pastores e líderes cristãos, encontram-se dois modelos de pregação. De um lado, uma pregação bíblicamente fundamentada, profundamente cristocêntrica e notoriamente humilde. Do outro, uma mensagem humanista, desequilibrada e egoísta. Ao assumir o púlpito, de qual dos dois tipos temos sido mensageiros e testemunhas? **M**



Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Pregação eficaz

Derek J. Morris

Conselhos aplicados para pregadores que desejam anunciar a mensagem com ousadia e poder

14 O homem invisível

Seth Pierce

Como a falta de autenticidade pode comprometer a eficiência do pregador

17 A centralidade do Verbo

Gabriël A. Oberholzer

Os elementos fundamentais da pregação, conforme o pensamento de Ellen G. White

20 Quem escreveu o Pentateuco?

Ozeas C. Moura

Uma análise a respeito da autoria mosaica dos primeiros cinco livros da Bíblia

24 Evangelho distorcido

Mauro Campillay

Considerações sobre as principais ideias da Teologia da Prosperidade

28 A idolatria do método

Bruno Lopes

Quando os instrumentos são mais valorizados do que o poder que vem de Deus



20

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

27 Panorama

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



17



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 90 – Número 536 – Mar/Abr 2018
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Tiago Lobo

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez, Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; Arildo Souza; Cornélio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Luis Velásquez; Raildes Nascimento; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 75,40
Exemplar Avulso: R\$ 15,50



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5880 / 37670

Pregue com ousadia

Ousadia, segundo os dicionários, é “intrepidez, coragem, destemor, energia e decisão com a qual uma ação é executada”.

Na década de 1970, o senhor Vergara residia com a família na cidade de Paysandú, Uruguai. Ele era doutor em História, muito inteligente e observador. Chegou a ser conselheiro da Organização das Nações Unidas.

Um homem muito simples e que não havia tido a oportunidade de receber uma educação formal trazia o leite diariamente para a família Vergara. Esse leiteiro sempre aparecia e ia embora cantarolando ou assobian-do hinos de sua igreja. Ele era adventista do sétimo dia.

O doutor Vergara observou seu comportamento durante algum tempo. Ele estava curioso para saber o que fazia daquele homem simples uma pessoa tão feliz e gentil. Certo dia, quando soube que o leiteiro era cristão, decidiu pedir a ele que lhe ensinasse a Bíblia. O camponês disse ao senhor Vergara que seu pastor poderia ensiná-lo. “Não, não diga nada ao seu pastor”, respondeu o doutor, “eu quero que você me diga o que a Bíblia tem que faz de você alguém tão feliz e prestativo.”

Desse modo, o entregador de leite não teve outra alternativa senão ele mesmo ministrar os estudos bíblicos. Assim, escolheu como primeiro estudo o capítulo 2 de Daniel. Pegou alguns slides e o antigo projetor, no qual era colocado somente um slide de cada vez, e saiu confiante de que Jesus o acompanharia. Sem ter experiência, em vez de começar com o primeiro slide, ele começou com o último, que fala sobre a pedra lançada dos Céus sem auxílio de mãos, seguiu com o slide sobre os pés em parte de ferro e em parte de barro e terminou com a cabeça de ouro. Sem dúvida, você e eu jamais teríamos começado pela pedra!

O doutor Vergara ficou tão impressionado com a “ousadia” e “segurança” com que o leiteiro falou, evidentemente cheio do Espírito Santo, que decidiu continuar estudando a Bíblia até finalmente ser batizado.

Qual foi o segredo desse homem tão simples para levar um doutor em História a aceitar Jesus? Sem dúvida,

não foi a “mera teoria”, mas o testemunho e a ousadia com que ele atuou, sob a influência do Espírito de Deus.

Como pastores, cabe-nos pregar a Palavra. Como estamos pregando? Nossos sermões são profundos e teóricos ou profundos e cheios de vida? Primeiramente, eles devem se tornar parte de nossa experiência para apresentá-los como “poderosa Palavra” que transforma corações endurecidos. Ellen G. White disse: “Há o perigo de que os pastores que professam crer na verdade presente se satisfaçam em apresentar a teoria somente, enquanto a própria vida não sente seu poder santificador. Alguns não têm o amor de Deus no coração suavizando, moldando e enobrecendo a existência” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 4, p. 526).

“Um homem inteligente observou: ‘Quem dera que meu pastor me desse algo mais que flores, frases brilhantes e banquetes intelectuais! Minha alma está faminta do Pão da Vida. Anseio por algo simples, nutritivo e bíblico.’” “Cristo crucificado, Cristo elevado ao Céu, Cristo prestes a voltar deve, de tal maneira, abrandar, alegrar e encher a mente do ministro do evangelho, que ele apresente essas verdades ao povo com amor e intenso fervor. Então, será perdido de vista o pastor, e Jesus será exaltado” (Ellen G. White, *Ministério Pastoral*, p. 188, 192).

A oração de cada pregador comprometido com o evangelho deve ser: “Concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a Tua Palavra” (At 4:29, ARC). Então, podemos esperar maravilhas acontecerem como foi com os apóstolos no início da igreja cristã: “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4:31). Somente assim poderemos pregar com ousadia! **TM**



Nossos sermões são profundos e teóricos ou profundos e cheios de vida?



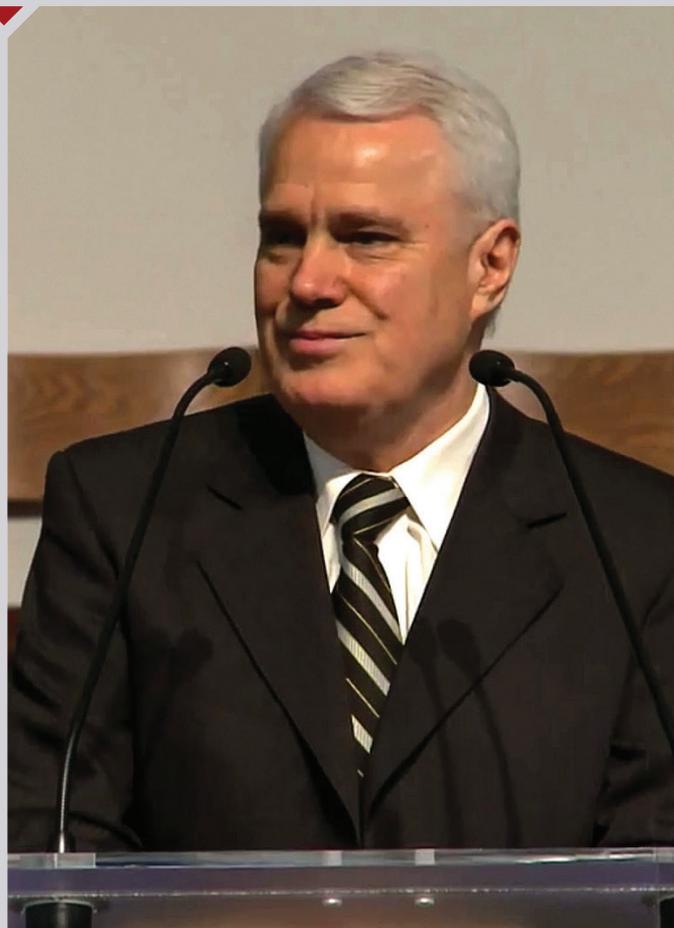
Carlos Hein, doutor em Teologia, é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação: DSA

Pregação autêntica

“Pregar não é falar acerca de Deus. Pregar é escutar Deus.”

por *Walter Steger*



Gentileza do entrevistado

Uma das tarefas mais executadas e visíveis do ministério é a pregação. Em realidade, muito da influência espiritual do pastor ou líder cristão depende do seu modo de tratar as Escrituras no púlpito. A fim de crescer na arte e no ofício da pregação, é necessário que os pregadores se mantenham dispostos a aperfeiçoar suas habilidades homiléticas, ampliando sua esfera de ação e motivando os membros da igreja a se aprofundarem no conhecimento e na prática da Palavra. Por mais de duas décadas, o pastor Rubén Otto tem se dedicado a incentivar alunos de Teologia, pastores e líderes de igreja a se desenvolverem nesse aspecto.

Filho de pastor, Rubén Otto teve sua carreira acadêmica totalmente trilhada em instituições adventistas. Graduou-se em Teologia na Universidade Adventista del Plata (UAP) em 1974, obteve seu mestrado em 1992 e o doutorado em Teologia Pastoral em 2001. Durante 10 anos foi pastor distrital, no Uruguai e na Argentina. Em 1984 foi convidado a trabalhar como Secretário Ministerial e Evangelista da Associação Argentina do Norte. Desde 1992 atua como professor de Teologia Aplicada na UAP.

Como docente, especializou-se em homilética, ministrando aulas de graduação e pós-graduação na Argentina, bem como em instituições do Brasil e Peru. Além da sua atuação em sala de aula, o professor Rubén Otto foi Secretário de Extensão da Faculdade de Teologia por seis anos e, desde 2010, responde pela Secretaria Acadêmica da universidade. Casado com Graciela Gómez Jones desde 1975, o casal tem dois filhos e um neto, Jeremy Ian, nascido em 2016.

Quando e como o senhor sentiu o chamado para ser um pregador?

Creio que isso não se deu por meio de um evento categórico, e sim pela somatória de experiências que vivi ao longo dos anos. Sem dúvida, a influência de um lar cristão, o ministério pastoral de meu pai, os ensinamentos na escola primária, as semanas de oração no Ensino Médio, a Faculdade de Teologia e o compromisso de minha esposa com o ministério marcaram minha vida e potencializaram uma vocação para o serviço. Entretanto, devo destacar um pastor que exerceu grande influência nesse processo: Daniel Belvedere. Como professor e evangelista destacado, ele despertou em mim o desejo de realizar campanhas evangelísticas. Generosamente, esse consagrado pastor me presenteou, na teoria e na prática, com as ferramentas básicas para um trabalho eficaz.

Como o senhor se tornou um especialista em homilética?

Quando tinha 17 anos de ministério fui convidado pela UAP para trabalhar como professor de Teologia Aplicada. Comecei minha carreira docente com a experiência de 16 séries evangélicas, que duraram 90 noites cada. Em virtude disso, acertei com a Faculdade de Teologia que estaria em sala de aula nos dois primeiros trimestres do ano e dedicaria o terceiro para uma campanha de evangelismo. Participariam desse estágio os estudantes que haviam cursado as disciplinas de Homilética I e II e Métodos de Evangelização Pública, de modo que pudessem conjugar a teoria e a prática.

O que faz da pregação um requisito tão importante para o ministério pastoral?

A pregação é importante em virtude do valor que a Bíblia – na verdade, Deus mesmo – lhe concede. Existem pelo menos quatro razões básicas. Em primeiro lugar, ao se referir ao pastor, as Escrituras utilizam diferentes títulos: ministro de Deus, ministro de Jesus Cristo, ministro do evangelho, ministro da Palavra, entre outros. Especialmente este último inclui um enorme privilégio e uma tremenda responsabilidade. Geralmente a pessoa que ora pelo pregador antes do sermão emprega expressões como “Senhor, unge os lábios do pastor, para que suas palavras sejam

é nosso exemplo em tudo, deve ser também no que diz respeito à pregação. A pregação, ainda, é o momento central do culto de adoração. A audiência adora a Deus porque escuta Sua voz. Por fim, o testemunho de Cristo (Mt 4:4), Jeremias (Jr 15:16); Paulo (Hb 4:12) e Pedro (Jo 6:68), entre outros, reafirma a importância da pregação da Palavra.

Quais foram suas principais influências no ministério quanto à pregação?

Além de Daniel Belvedere, que já mencionei, também me recordo da disciplina ministrada pelo doutor Mario Veloso sobre exegese de João que, somada às suas pregações, despertaram minha admiração e meu entusiasmo pela pregação expositiva.

Também não posso me esquecer da influência que tiveram sobre mim as classes de Teologia da Pregação ministradas por Floyd Bresee durante o doutorado e a leitura de seus artigos sobre o assunto publicados na revista *Ministério* (edição em inglês). Creio que ele foi quem mais me influenciou a esse respeito.

Ainda devo mencionar autores renomados como o presbiteriano Peter Adam, o metodista William Willimon, o anglicano John Stott, o batista Haddon Robinson, além de Karl Barth, Charles Bartow e Dietrich Ritschl, que me permitiram enriquecer o panorama sobre o tema.

Qual é a parte mais difícil do processo de preparo do sermão?

Isso depende do talento e da experiência do pregador. Entretanto, creio que buscar boas ilustrações seja uma das maiores dificuldades que ele enfrenta. Por esse motivo, o calendário de pregações deve ser definido com antecedência, para que o pregador disponha de tempo suficiente para escolher com sabedoria as ilustrações que utilizará.

Por boas ilustrações se entende aquelas que são estreitamente relacionadas com o campo semântico do sermão. Floyd Bresee

Creio que o ministro deve pregar sermões expositivos e temáticos, mas em igrejas estabelecidas, deveria se dar prioridade aos sermões expositivos.

Com o passar do tempo, observei com preocupação alguns problemas que dificultavam o processo de confirmação na fé dos novos crentes. Tratei do assunto em minha tese doutoral, “Apostasia na IASD no território da União Austral”. Embora o estudo de campo tenha indicado vários fatores que levam os membros a se afastarem da igreja, dois se destacaram: a falta de visitação pastoral e a qualidade da pregação no culto de adoração. Considero que ambos sejam ferramentas imprescindíveis para a confirmação dos novos membros. Desde então, esforço-me para que minhas pregações sejam sempre edificantes e insisto com os pregadores a fazer o mesmo.

as Tuas...” ou enunciados parecidos, que se harmonizam com o fundamento teológico da pregação, conforme pode ser visto na experiência de Moisés no Sinai, após o imponente espetáculo que envolveu a entrega das tábuas da Lei. O povo disse: “Chega-te, e ouve tudo o que disser o Senhor, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que te disser o Senhor, nosso Deus, e o ouviremos, e o cumpriremos” (Dt 5:27). Esse conceito resume a pregação autêntica: pregar não é falar acerca de Deus. Pregador é escutar Deus.

Na sequência, a pregação é importante porque constitui um dos três fundamentos básicos do ministério de Jesus. Posto que Ele

ilustra esse ponto com o exemplo do prego e do martelo. Para ele, o prego representa o ensino bíblico, e o martelo, a ilustração. Para cravar o “prego” na mente do ouvinte, devo saber utilizar o “martelo” com eficiência.

Qual foi a lição de homilética mais importante que o senhor aprendeu?

Que pregar não é falar sobre Deus ou a Bíblia; de fato, pregar é escutar Deus. Que a Palavra é poderosa porque o Senhor é onipotente. Que “uma única frase da Escritura é de muito mais valor que dez mil ideias e argumentos humanos” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 7, p. 71).

De que maneira seu pensamento e suas ideias sobre pregação evoluíram com o passar dos anos?

Nos primeiros anos de meu ministério me dediquei principalmente à pregação temática. Durante esses anos, realizei grandes campanhas evangelísticas, de modo que esse tipo de pregação era (e é) a ideal,

considerando o fato de que o público era formado por interessados ou crentes com um escasso conhecimento bíblico.

Nos anos 1990 compreendi que a pregação expositiva devia ser prioritária nos púlpitos das igrejas maduras, doutrinariamente falando. Foi então que comecei a me aprofundar nessa área. Nesse período li com interesse as obras de Haddon Robinson, entre outras.

Mais tarde, já como professor de homilética, ao analisar os sermões de Cristo e dos apóstolos, observei que, ao pregar para auditórios homogêneos formados por judeus, como era o caso das pregações sabáticas nas sinagogas, eles utilizavam sermões expositivos ou textuais. Contudo, ao pregar para auditórios heterogêneos compostos de gentios e, em alguns casos, de gentios e judeus, pregavam sermões temáticos. Em síntese, creio que o ministro deve pregar ambos os tipos de sermões, mas em igrejas estabelecidas, deveria se dar prioridade aos sermões expositivos.

Que conselhos daria aos pastores que desejam crescer na arte da pregação?

Compartilho algumas frases que renomados pregadores nos deixaram para reflexão. “A Bíblia faz diferença entre um discurso e um sermão”; “O sermão autêntico se caracteriza pela leitura do texto bíblico, o comentário, a ilustração e a aplicação de seu ensinamento”; “Pregar é mais do que falar com propriedade e eloquência: pregar é redimir”; “Pregue a Palavra, não outro pregador”; “Pregue como se Jesus tivesse morrido ontem, ressuscitado hoje e regressasse amanhã”; “Pregue de modo que Deus seja glorificado, Sua Palavra seja exaltada e Seu povo seja redimido”.

Ao refletir sobre seu frutífero ministério, como o senhor gostaria de ser lembrado?

Como um servo de Deus que enfatizou a frase paulina: “Prega a Palavra” (2Tm 4:2). **M**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Aprimore seu dom para a obra de Deus

COMO PREPARAR E APRESENTAR Sermões

EMILSON DOS REIS

MKT CPB | Fotolia

Pregação eficaz



Dicas para apresentar a mensagem bíblica com eloquência e poder

Derek J. Morris

Minha esposa e eu estávamos ansiosos na perspectiva de nos tornarmos pais pela primeira vez. Ela se inscreveu em um curso para parto natural, e eu estava feliz em poder participar das aulas com ela. Meu desejo era ser um pai excelente. Na última consulta antes do parto, o obstetra me fez uma pergunta surpreendente: “Derek, você gostaria de auxiliar no parto e depois entregar o bebê à sua esposa?” Ingênuo, sem refletir no que significava aquela decisão, respondi: “Claro!” Contudo, eu nunca havia entregado nem jornais durante minha vida, muito menos bebês! Eu deveria ter ficado preocupado quando ele me deu um pequeno livro sobre emergências e procedimentos durante o parto, mas o material não me pareceu tão complicado, pelo menos, não no papel.

Finalmente chegou o dia em que minha esposa entrou em trabalho de parto. Eu tentei me lembrar do que havia aprendido: primeiro estágio do processo, segundo estágio... Então o médico entrou na sala e disse: “É hora de nos prepararmos!” SeGUI o especialista e fiz tudo o que ele fazia. Lavei as mãos e os braços, coloquei roupa e touca cirúrgicas, e voltamos à sala de parto. A essa altura, minha esposa estava pronta para dar à luz nosso primogênito. O obstetra virou-se para mim e disse: “Mantenha firme a cabeça do bebê!” Naquele momento eu já estava suando frio. Cautelosamente, pus as mãos ao redor da coroa da cabeça do nosso filho. Eu estava trêmulo e apavorado. Sem hesitação, o médico repetiu: “Eu disse: ‘Mantenha firme a cabeça!’” Assustado, pensei: “O que estou fazendo aqui?”

Logo a cabeça do bebê estava entre minhas trêmulas mãos. Então o especialista falou: “Ajude a soltar o ombro do bebê.” Se eu tivesse lido o livro mais atentamente saberia que depois disso a criança viria rapidamente para fora. Entretanto, em minha ignorância, ajudei a liberar o ombro do bebê sem considerar suas implicações. Nesse momento, o médico disse à minha esposa: “Empurre!” E antes que eu tivesse a chance de respirar fundo, nosso bebê veio escorregando entre minhas mãos abertas. Felizmente minha esposa estava deitada sobre uma mesa de parto, senão nosso filho poderia ter ido parar no chão!

Essa experiência traumática me rendeu duas consequências: minha esposa não permitiu ajudá-la no nascimento do nosso segundo filho, e eu aprendi a importância de ser eficiente na execução de um parto!

O que essa história tem que ver com pregação? Simplesmente isso: você pode ter preparado um poderoso sermão, cuidadosamente pensado e elaborado com muita oração, mas, se a apresentação for fraca, a mensagem poderá ser um desastre!

Elementos eficazes

Uma pesquisa realizada por Albert Mehrabian apontou que as palavras comunicam apenas 7% do que queremos dizer; nossa maneira de falar, 38%; e os 55% restantes ficam por conta da comunicação não verbal.¹ Para maximizar o impacto da comunicação, as palavras, a interpretação oral e a linguagem corporal devem estar em harmonia. Se não estiverem, as pessoas ignorarão as palavras e se fixarão na interpretação oral e/ou na expressão corporal.

Qual deve ser o ponto central para os pregadores que desejam apresentar sermões de maneira eficaz? Não gastar todo o tempo elaborando as palavras. Elas são importantes, mas se não houver um sólido conteúdo bíblico com uma aplicação relevante, o sermão fracassará. Também é preciso considerar atentamente a maneira de apresentar a mensagem, tanto a interpretação oral quanto a comunicação não verbal.

Interpretação oral. Há quatro elementos básicos na interpretação oral: modulação/entonação da voz, volume, velocidade da fala e pausa.

Modulação/entonação. Você já ouviu alguém cantar somente em uma nota? Isso seria monótono! A modulação/entonação da voz prende a atenção e desperta o interesse do ouvinte pela mensagem. Tome, por exemplo, uma única sentença, como “O Senhor é meu pastor”, e repita-a várias vezes usando diferentes entonações para as palavras. Você vai observar como o significado da frase se altera. O tom que você dá às palavras não apenas desperta o interesse, mas também ajuda a comunicar a mensagem. Observe os contadores de histórias bem-sucedidos e verá que o uso que eles fazem da modulação da voz comunica de maneira mais eficaz o conteúdo da mensagem que desejam transmitir.

Volume. O que é mais eficiente? Uma voz calma e baixa ou alta e agitada? Depende. Se você está anunciando: “Erga a trombeta, e toque bem alto”, seria incompatível dizer essas palavras sussurrando. O volume da voz deve ser ajustado conforme as diferentes partes da mensagem. Mais uma vez, a palavra-chave a ser lembrada é variedade. Às vezes, um sussurro é mais eficaz do que um grito. Em outras ocasiões, é preciso projetar as palavras como um alerta urgente para uma multidão barulhenta.

Velocidade da fala. Normalmente ouvimos e falamos cerca de 150 a 160 palavras por minuto.² Alguns falam mais rapidamente, deixando pouco tempo

para o ouvinte processar o que está sendo falado. Outros falam tão devagar que as pessoas adormecem antes que terminem de ouvir a sentença. Seja qual for a média normal de sua fala, se não houver variação na velocidade dela, você colocará seu público para dormir. Você já pegou um trem ou metrô de manhã? Já notou quantos passageiros estão dormindo? A velocidade constante provoca sonolência. O mesmo acontece com a velocidade da fala. Ela precisa variar, às vezes mais rápida, outras, mais lenta, de acordo com as partes da mensagem.

Pausa. O uso intencional do silêncio é fundamental para a eficácia da interpretação/exposição oral da mensagem. Quando, particularmente, seria útil fazer uma pausa? Permita alguns segundos de silêncio intencional depois de ter feito uma pergunta. Pause quando quiser que seus ouvintes reflitam em algo que você enfatizou. Algumas pausas são breves, outras, longas, dependendo do tempo necessário para reflexão. Assim como acontece com outros aspectos da interpretação oral, a chave a ser lembrada é a variação.

Comunicação não-verbal. A interpretação/exposição oral é muito importante, mas, além dos 7% comunicados pelas palavras, lembre-se de que 38% dependem da nossa maneira de dizer essas palavras. Por isso é essencial considerar a comunicação não verbal. De quais aspectos relacionados a esse tipo de comunicação precisamos nos lembrar para apresentar um sermão eficaz e poderoso?

Contato visual. Conecte-se com a audiência por meio de contato visual intencional. Não escaneize o grupo como se estivesse procurando uma criança perdida, e não fixe tanto o olhar sobre uma pessoa até que ela comece a se contorcer em seu assento. Olhe para as pessoas somente o tempo suficiente para estabelecer uma conexão. A pregação sem esboço tem a vantagem de proporcionar contato visual mais eficiente. Se estivermos lendo, esse

contato com o público é prejudicado. Ao falar para um grupo maior, escolha pessoas-chave em várias partes do auditório, assim não negligenciará nenhum setor. O contato visual eficaz comunica a mensagem para cada ouvinte, mostrando que ele é especial para o orador.

Expressões faciais. As pessoas naturalmente olham para o seu rosto quando você está falando em público. Se você mantém uma expressão facial “congelada”, a comunicação não verbal se revelará ineficaz. Permita que suas expressões faciais sejam coerentes com o conteúdo de suas palavras. Quando você diz: “Jesus te ama”, deve haver uma expressão diferente em seu rosto do que quando você diz: “O salário do pecado é a morte.” Seja natural, harmônico e lembre-se da palavra-chave: variedade.

Gesticulação. Os gestos são de vital importância na apresentação da mensagem. Alguns pregadores têm um repertório de gestos apropriados, mas muitos usam gestos irrefletidamente, sem pensar no impacto que eles podem causar nos ouvintes. Você conhece algum pregador que sempre aponta o dedo para as pessoas ou soca o púlpito com o punho fechado? Esses gestos podem ser eficazes ao descrever uma atitude irada ou desafiadora, porém, usados frequentemente, se tornam fora de propósito.

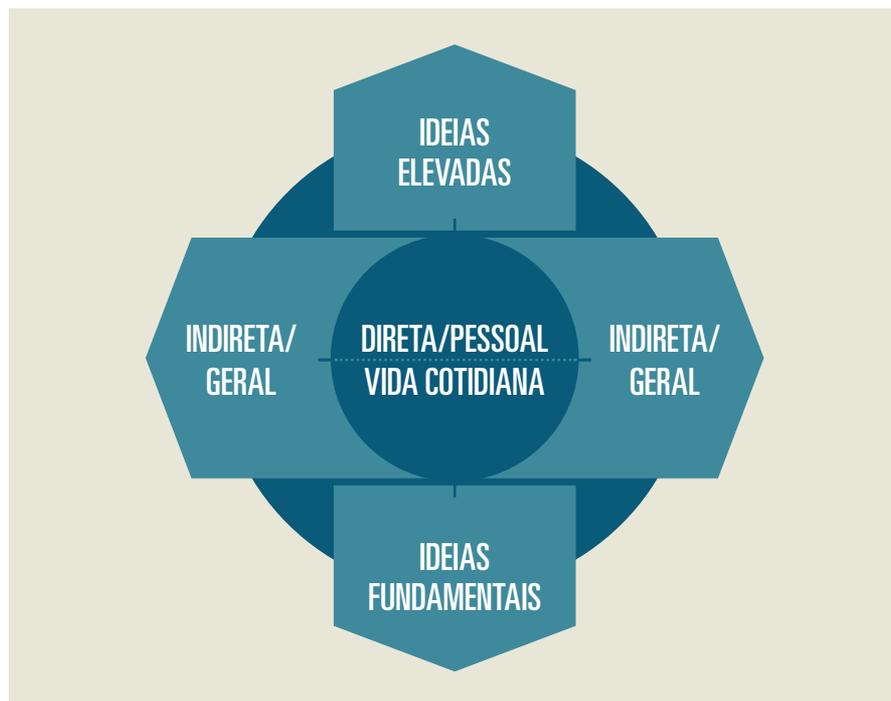
A reação ao sermão é uma ferramenta muito útil para avaliar a eficiência da gesticulação. Certa ocasião pedi aos membros que levantassem a mão, imaginando segurar a mão de Jesus. Então, levantei a mão para ilustrar essa conexão. Após o culto, meu filho veio com uma valiosa observação: “Papai, quando você levantou a mão, a palma estava de frente para o público, e pareceu como se estivesse empurrando Jesus! Vire a palma de sua mão para você.” Que grande sugestão! No segundo culto fiz o ajuste sugerido, e a resposta foi muito melhor. Portanto, fique atento aos comentários sobre sua comunicação não verbal.

Observe este simples diagrama, que ilustra o posicionamento dos gestos, envolvendo um plano horizontal e vertical.

Um gesto localizado no centro do plano horizontal é direto e pessoal. Se você está fazendo um apelo, por exemplo: "Jesus está convidando você para segui-Lo", sua mão deve ser estendida à sua frente. Gestos em diversas direções são indiretos e generalizados. Outro exemplo, suponha que você diga: "Há problemas em todo o mundo", e aponte diretamente para os que estão à sua frente, isso é muito direto. Movimente seus braços e mãos para ambos os lados, isso tornará seu comentário indireto e geral.

Por sua vez, os gestos posicionados no plano vertical podem ser divididos em três segmentos: terço superior, terço mediano e terço inferior. Que tipo de gesto deve ser usado para enfatizar ideias elevadas (terço superior), tais como: Deus, Céu, salvação e santidade, por exemplo? Quando você diz: "Deus está pensando em você exatamente agora", você pode começar olhando para cima ou erguendo a mão e apontando para o céu. No entanto, ao se referir à vida cotidiana (terço mediano), o gesto deve acompanhar o comentário, por exemplo: "Jesus está convidando você a segui-Lo". Nesse caso, a mão deve estar bem à sua frente, na altura da cintura. Há também os gestos relacionados a ideias fundamentais (terço inferior) como: morte, pecado, fracasso e Satanás. Quando você diz: "Jesus quer salvá-lo, mas Satanás quer destruí-lo", seu gesto deve se mover do plano superior para o inferior.

Elaborar uma cartilha ou manual de gestos demanda tempo e determinação. No entanto, isso aumentará tremendamente o impacto sobre seus ouvintes, e eles rapidamente perceberão. A apresentação eficaz da mensagem bíblica jamais deve chamar atenção para o pregador, mas potencializar o impacto dela no coração dos ouvintes.



Recursos visuais. Eles podem ser úteis para reforçar o conteúdo. Auxílios como o *PowerPoint*, clipes, faixas ou objetos devem ser visíveis e apropriados. Entretanto, a Bíblia é o recurso mais importante nas mãos de um consagrado pregador. Pode parecer algo tecnológico ler as passagens em um *smartphone* ou *tablet*, mas, nesse caso, o símbolo se perde. Esses aparelhos nos ajudam a enviar e checar nossos e-mails, a conta bancária e até fazer compras on-line. Contudo, precisamos incentivar os membros a levar a Bíblia com eles quando vão adorar ao Senhor. Afinal, ela é a convincente Palavra de um Deus que falou e continua a falar.

Juntando as peças

Se essas informações estiverem confundindo você, pegue todas elas e coloque-as em ordem de prioridade para maximizar sua eficácia na pregação. Comece com um elemento. Trabalhe um dos aspectos da interpretação oral: modulação da voz, volume, velocidade da fala ou uso da pausa. Você também pode optar por trabalhar num dos itens da comunicação não

verbal: contato visual, expressão facial, gesticulação ou aprimoramento do uso dos recursos visuais. Ao longo do tempo, você passará de uma implantação estranha para uma integração natural. Aprenda com aqueles que dominam a arte da pregação e exposição da mensagem bíblica. Assista aos vídeos de suas próprias pregações, submeta-os à apreciação e crítica de colegas de ministério e membros de sua congregação. Aprender a pregar eficazmente demanda tempo e energia, mas os resultados valerão o esforço.³ **TM**

Referências

¹Albert Mehrabian, *Silent Messages* (Belmont, CA: Wadsworth Publ. Company, 1971), p. 43.

²"Words per Minute", <<https://goo.gl/s5zVT7>>.

³Haddon Robinson e Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005), p. 589-618.



Gentileza do autor

Derek J. Morris, doutor em Ministério, é diretor do Hope Channel, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos

O homem invisível

Práticas homiléticas que escondem os pregadores no púlpito

Seth Pierce

“Deus é bom!” Se em algum momento uma frase dita no púlpito pudesse competir com João 3:16, “Deus é bom!” seria uma forte concorrente. Essa expressão, com o refrão esperado “todo o tempo!”, foi usada em acampamentos, reuniões, grupos de jovens, junta-panels, capelas e serviços de adoração semanal. Por mais verdadeira que seja essa declaração, quando um pregador assume o púlpito, olha para a congregação e diz “Deus é bom!”, há uma grande chance de que o sermão não será bom, e que o ministro está prestes a desaparecer diante da igreja. Este artigo procura explicar como esse sumiço ocorre e por que prejudica o testemunho do pregador.

Necessidade de contexto

O livro de Provérbios diz: “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” (Pv 25:11). A imagem pertence ao contexto dos metalúrgicos, joalheiros e escultores que, por seu ofício, tomam elementos brutos e os transformam em complexas obras de arte que refletem a vida. Muito parecidas com rochas e minerais, as palavras devem ser extraídas, forjadas e moldadas em estruturas que refletem a vida, a fim de ajudar as pessoas a entender o mundo.

Deus é bom? O tempo todo? Para todos? Quando uma jovem mãe vai à igreja depois de perder seu filho de seis anos por causa de um mal súbito, faz sentido ela

gritar “Deus é bom todo o tempo”? Mesmo que a afirmação seja verdadeira quanto ao caráter de Deus, um homem de meia-idade que perde o emprego pouco antes da aposentadoria vai sentir isso? Finalmente, para o membro da igreja cuja vida parece estar bem, essa declaração ainda carrega algum significado? Ele já repetiu a frase mais de cem vezes, conhece de cor e pode dizer isso sem pensar, sentir ou meditar sobre o que a bondade divina realmente pode significar.

A frase “Deus é bom” representa uma das mil maneiras pelas quais os pregadores podem desaparecer no púlpito. Elas podem ser estrategicamente incorporadas durante o sermão escrito ou mantidas em reserva para quando o ritmo da pregação começa a atrasar. Será que “Deus está no controle”, “Jesus em breve virá”, “Nosso Deus é tremendo”, “Nada acontece por acaso” não são expressões enlatadas que visam a um “amém” rápido em vez de desenvolver algo do zero?

O pregador também pode desaparecer quando o púlpito fica repleto de atletas, presidentes, comentários bíblicos, teólogos e qualquer outro recurso utilizado para ajudar a reduzir a quantidade de tempo que o pastor realmente tem para dizer algo original. Em lugar de “maçãs de ouro em salvas de prata”, pregadores distribuem frutas mofadas de uma despensa mental que não viu nenhum mantimento fresco desde que seu

proprietário se graduou no seminário. O uso de clichês, trivialidades e citações – projetadas para suscitar uma resposta rápida, mas que na realidade revelam falta de experiência pessoal e criatividade – é uma transgressão homilética. Isso fere a inteligência espiritual da congregação e arruína o ethos homilético.

Aristóteles e o ethos

A retórica clássica contém três elementos principais: logos (razão ou argumento), pathos (conteúdo emocional) e ethos (boa vontade percebida ou caráter). Dos três, Aristóteles dizia que o ethos do orador “quase pode ser chamado de o meio mais eficaz de persuasão que ele possui”.¹ Wayland Maxfield Parrish escreveu: “Um dos elementos mais importantes na persuasão é a impressão feita pelo caráter e pela personalidade do orador.”² Ele sugere que “boa vontade” e “imparcialidade” podem ser encontradas no texto de uma apresentação, uma vez que “a maioria dos discursos está cheia de tais indicadores”.³ Quando um orador viola o elemento ethos, perde credibilidade aos olhos da plateia, que pode percebê-lo como um inimigo em vez de um amigo.

Muitas igrejas no Ocidente sofrem de uma perceptível falta de ethos dentro de uma cultura pós-cristã.⁴ Então, o que acontece quando um sermão está repleto de citações, clichês e trivialidades? O pregador desaparece. Substituindo o orador estão

pessoas do passado ou pontos geográficos, relíquias retóricas da subcultura cristã, um poema ou uma história sobre as estrelas-do-mar. Então alguém começa a suspeitar de que, escondido atrás dessas fontes secundárias esteja um pregador que não tem experiência pessoal nem inteligência, ou mesmo os dois. Surgem as perguntas: “O que ele está tentando esconder? Por que ele nunca tem histórias dele? Por que muito do que diz são coisas das quais as pessoas já estão cientes, mesmo antes de virem à igreja? Este pregador, esta comunidade, não deve ter nada a dizer.”

Santos em outros lugares

Fred Craddock sugere que aqueles que regularmente escutam as apresentações do evangelho são muitas vezes “vítimas” da “constante exposição ao mesmo tipo de luz” e da mesma fonte – resultando num tipo de marca de bronzeamento espiritual.⁵ Ele aponta que um orador cria uma ausência existencial por meio do uso excessivo de “clichês, citações e fontes secundárias” que deixa os ouvintes se sentindo “enganados e carentes”.⁶ O chamado ao pregador envolve mais do que citar. Além disso, a ausência existencial dos pregadores leva congregações a acreditar que o Senhor pode estar em outros lugares. Se Deus existe nas citações de outras pessoas, em textos antigos ou nas histórias de outras terras, isso significa que Ele sempre está em outro lugar, nunca aqui. Se o Senhor estiver em outro lugar, então os santos perceberão que deveriam estar lá também. Infelizmente, alguns podem sugerir que a ausência existencial seja o objetivo da pregação. Afinal, Paulo disse: “Não mais eu, mas Cristo” (Gl 2:20, ACF). Então devemos desaparecer, certo?

Realidade encarnacional

Uma crítica comum aos pastores do tipo “o eu deve ser visto” implica que os pregadores reduzem a distância entre o clérigo e a congregação em nome do ego, em vez do ethos. Certamente “egos

ministeriais” existem e devem ser examinados. No entanto, as páginas das Escrituras revelam que a Divindade trabalha com a humanidade.⁷

A Bíblia diz: “A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós” (João 1:14, NTLH). Pastores cristãos não pregam uma Palavra desencarnada; em vez disso, pregamos a Palavra viva ressuscitada, que supostamente mora em nosso coração. Alguns podem julgar o uso da linguagem pessoal, de histórias ou reflexões particulares como arrogância. Entretanto, 1 João

“texto escondido dentro do outro moldando significados, esteja o autor consciente disso ou não”.⁹ O intertexto de um sermão carregado de fontes secundárias, enraizado na academia, comunica sutilmente a ideia de que o texto bíblico é acessível apenas para acadêmicos e não para o orador. Sermões informativos fundamentados em fontes secundárias não ganharão conversos. Como vivemos e compartilhamos em nosso contexto ministerial dão mais instruções do que apresentar as citações de outros.

Muitos púlpitos ouviram Lutero, Calvino, Wesley, presidentes, atletas, atores e autores. Contudo, eles ainda esperam ouvir a voz de seu pastor.

1:1 e 2 afirma: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam – isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada” (NVI).

Ao comentar sobre a apologética cristã contemporânea, enraizada no paradigma pós-positivista da modernidade, Myron Penner lamenta que tenhamos criado uma “indústria caseira de testemunhas especializadas”. Ele observa: “O que temos visto é a profissionalização do testemunho cristão. Cada um desses modelos apolo-géticos depende da destreza e habilidade que apenas alguns ‘brilhantes’ pensadores cristãos possuem.”⁸ Temos trocado testemunhas oculares por testemunhas especializadas. John McClure sugere que cada sermão contém um “intertexto” – um

Fontes secundárias e ethos

As fontes secundárias têm seu lugar na homilética – principalmente no estudo – e ocasionalmente como pérolas de púlpito. O espaço não me permite apresentar um conjunto exaustivo de regras, mas alguns princípios podem ajudar a aumentar o ethos e a autenticidade na pregação. Primeiro, use fontes secundárias quando estiver falando de algo distante de sua especialidade. Muitas vezes os pastores se irritam quando pessoas formadas em áreas distintas da Teologia ou da História vestem o manto de teólogos ou historiadores. Biólogos, médicos, psicólogos, veterinários ou linguistas sentem o mesmo quando o pastor local pretende ser eloquente em assuntos alheios à sua formação ministerial.

Em segundo lugar, as fontes ligadas a jornais ou a eventos locais que afetam o orador e a congregação podem criar a oportunidade de se envolver em um

diálogo autêntico com vozes da comunidade, a partir de uma experiência compartilhada. Desastres naturais, questões sociais ou celebrações cobertas pelos meios de comunicação locais fornecem excelentes janelas no contexto da missão da igreja. No entanto, o melhor recurso é simplesmente participar da comunidade e retransmitir suas interações e observações pessoais.

Na sequência, clichês e trivialidades podem ser uma ótima fonte de ilustração, se o pregador “desfamiliarizá-los” para destacar uma nova faceta da verdade. É muito mais fácil despertar a atenção de uma congregação sonolenta com frases como “Deus é bom, na maioria das vezes” do que com uma expressão comum. Outra maneira de desfamiliarizar envolve explorar o significado mais profundo de ditos populares ou até mesmo de porções da Bíblia. Por exemplo, Jeremias 29:11 – “Eu é que sei que pensamentos tenho a respeito de vocês, diz o Senhor. São pensamentos de paz e não de mal, para dar-lhes um futuro e uma esperança” – adquire um novo sentido quando os membros da igreja são lembrados de que o versículo é parte de uma carta informando o povo de Deus de que ele estava indo para um exílio de 70 anos!

Finalmente, use as fontes secundárias em termos de sua própria experiência. Quando algum elemento cotidiano se torna parte de sua jornada espiritual, tem o potencial de revelar uma experiência compartilhada com outros que podem estar familiarizados com tal elemento. Ainda que os membros da igreja não tenham experiência com o item em questão, ele pode agir como uma metáfora ou um catalisador para uma reflexão espiritual. Isso também se aplica à leitura de certos teólogos ou comentários bíblicos, à apresentação de algum cântico particular ou a qualquer número de “textos” secundários que podem levar a algo original em sua jornada, sem que você desapareça diante da congregação.

Conclusão

Todo comunicador deve procurar desenvolver sua “voz” – essa criatividade única que dá nuance à realidade quando mediada pelo artista. De Mozart a Chaplin, de Leonardo da Vinci a Vincent van Gogh, cada artista que dominou a “voz” produziu trabalhos que tornaram desnecessário perguntar: “Quem é esse?” A obra deles possui um selo criativo que dá autenticidade e autoridade em seus respectivos campos de atuação. Infelizmente, o estado da pregação contemporânea revela poucas vozes.

Certa vez, Carl Trueman, professor do Seminário Teológico Westminster, pediu que seus alunos de homilética identificassem “seu modelo preferido de pregador”. Ele escreveu: “Nenhum deles mencionou qualquer um dos pastores sob cujo cuidado haviam crescido.” Em vez disso, listaram nomes “daquela pequena e inconstante carga genética dos circuitos de oradores das megaconferências”. Ele lamenta que essas vozes sejam “normativas” – criando uma “faixa estreita de vozes e estilos”.¹⁰ Assim, torna-se difícil reivindicar credibilidade, de forma consistente, copiando outra pessoa.

Tim Muehlhoff e Todd Lewis notam que os comunicadores cristãos “empresam pesadamente e sem constrangimento elementos da cultura popular como camisetas, adesivos, músicas, formatos cristãos de *talk-show*, entre outros. Nossa redundância e a previsibilidade têm repercussões em nossas tentativas de persuasão”. Eles alertam comunicadores a evitar “aborrecer nossa audiência com trivialidades e jargões previsíveis” e que os crentes “adotem uma abordagem de comunicação baixa em previsibilidade e alta em informações”. Eles criticam a mentalidade dos sermões evangelísticos como “artefatos retóricos” infundidos com o poder de ser automaticamente capazes de “persuadir os outros”.¹¹ Se as

congregações sentem que simplesmente emprestamos materiais de todo mundo, nosso ethos desaparece.

Exegese cuidadosa (incorporando a fé que pregamos) e escrita criativa são atividades trabalhosas que demandam muito tempo. No entanto, quando o cristianismo se encontra sob intenso escrutínio, não podemos sacrificar o ethos e a autenticidade pelas conveniências e pelos clichês. Muitos púlpitos ouviram Lutero, Calvino, Wesley, presidentes, atletas, atores e autores. Contudo, eles ainda esperam ouvir a voz de seu pastor. **M**

Referências

- ¹ Wayland Maxfield Parrish, “The Study of Speeches”, em *Readings in Rhetorical Criticism*, ed. Carl R. Burgchardt, 4ª ed. (State College, PA: Strata Publishing Inc., 2010), p. 28.
- ² *Ibid.*, p. 41.
- ³ *Ibid.*, p. 42.
- ⁴ David Kinnaman e Gabe Lyons, *Good Faith: Being Christian When Society Thinks You're Irrelevant and Extreme* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2016).
- ⁵ Fred B. Craddock, *Overhearing the Gospel* (Nashville, TN: Abingdon, 1978), p. 28.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ Ellen G. White, *Manuscrito 193*, 1898.
- ⁸ Myron B. Penner, *The End of Apologetics: Christian Witness in a Postmodern Context* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013), p. 82.
- ⁹ Robert Scholes, *Structuralism in Literature: An Introduction* (New Haven, CT: Yale University Press, 1978), p. 150, citado em John McClure, *The Four Codes of Preaching: Rhetorical Strategies* (Louisville, KY: John Knox Press, 2003), p. 9.
- ¹⁰ Carl Trueman, “Why Is So Much Preaching So Poor?” *Reformation 21*, Alliance of Confessing Evangelicals, nov. 2013, <<https://goo.gl/tnXSDx>>.
- ¹¹ Tim Muehlhoff e Todd V. Lewis, *Authentic Communication: Christian Speech Engaging Culture* (Downer's Grove, IL: IVP Academic, 2010), p. 84-87.



Seth Pierce, doutorando em Comunicação, é pastor em Puyallup, Estados Unidos

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

A centralidade do **Verbo**

Ellen G. White e a essência da pregação

Gabriël A. Oberholzer

Que Ellen G. White, escritora e co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, disse sobre pregação é uma contribuição fantástica para os púlpitos ao redor do mundo. De todo o material que ela escreveu sobre a maneira e o conteúdo da pregação, dois fatores se destacam. Primeiro, a autora aconselhou os ministros a se concentrarem na Bíblia como fonte primária de toda pregação. “Que a Palavra de Deus fale às pessoas.

Que aqueles que têm ouvido apenas as tradições e os conceitos humanos ouçam a voz de Deus, cujas promessas são um ‘sim’ e um ‘amém’ em Cristo Jesus.”¹ Em segundo lugar, ela defendeu que no centro de toda pregação – tanto no conteúdo quanto no apelo – deve estar Jesus Cristo. Ele “é o centro vivo de todas as coisas. Coloquem Cristo em cada sermão. Façam com que a preciosidade, a misericórdia e a glória do Salvador sejam contempladas até

que Ele, a esperança da glória, seja formado no interior de cada pessoa”.²

Este artigo tem como objetivo mostrar que uma abordagem bíblica e centralizada em Cristo para a homilética é essencial a fim de garantir que o evangelho seja pregado com poder e convicção. Além disso, explora o efeito adverso de não aplicar tais conselhos em contraste com os resultados de sua fiel aplicação.



Objetivos da pregação

Exposição bíblica. De acordo com Ellen G. White, o primeiro objetivo da pregação é apresentar ao público o que a Bíblia diz em uma passagem específica ou sobre determinado tema. Um sermão deve expor o texto bíblico e torná-lo “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17, NVI).

A escritora chama atenção para os pregadores que muitas vezes começam o sermão com um texto bíblico, depois o deixam de lado e terminam pregando sobre as “notícias de jornais”.³ Ela adverte: “Se os ministros que são chamados a pregar a mais solene mensagem dada a mortais se esquivam da verdade, são infiéis em seu trabalho e são falsos pastores para as ovelhas e os cordeiros. As declarações dos homens não têm nenhum valor.”⁴

Deus é suficientemente capaz de prover *insight* e compreensão, e isso vem por meio do estudo e da apresentação da Palavra. “Quem dera pudesse ser dito dos pastores que estão pregando ao povo e às igrejas: ‘Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras!’ (Lc 24:45).”⁵

Quando, como pregadores, estudamos a Bíblia de modo pessoal e fervoroso, antes de subir ao púlpito, descobrimos tesouros e beleza em cada versículo. “Se estudarmos a Palavra de Deus com interesse, orando e pedindo compreensão, novas belezas serão vistas em cada linha. Deus revelará a preciosa verdade.”⁶

Ellen G. White ainda diz mais sobre o pregador se deixar ser conduzido pelo texto bíblico: “A Palavra de Deus deve ser seu guia. Nessa Palavra há promessas, orientações, advertências e reprovações que ele deve usar em seu trabalho quando a ocasião exigir.”⁷

Abordagem cristocêntrica. Ellen G. White recomenda uma abordagem centralizada em Cristo na pregação. Uma mensagem que não tem Jesus como centro não se qualifica como sermão. Diversos sermões

sequer mencionam Jesus ou simplesmente fazem rápida referência a Ele.⁸ A escritora destacou esse grave erro ao criticar algumas pregações de seu tempo: “Não passaram de discursos, secos e sem Cristo, em que o Salvador pouco foi mencionado.”⁹ Ela também escreveu: “Em nosso ministério devemos revelar Cristo às pessoas, porque elas têm ouvido sermões sem Jesus durante toda a vida.”¹⁰

Ao longo da história da Igreja Adventista, ocorreram alguns problemas com a pregação cristocêntrica. A sessão da Assembleia Geral de 1888 se deparou com dois grupos: de um lado, aqueles que enfatizavam as mensagens sobre a justiça pela fé em Cristo; do outro, quem defendia a ideia de que se obtinha a justiça de Cristo pela obediência à lei. A confiança em Jesus estava em desacordo com a confiança na obediência de alguém. No entanto, Ellen G. White permaneceu firme em sua posição, apelando aos pastores para a centralidade de Jesus nos sermões e na prática da vida diária.¹¹

O verdadeiro chamado à introspecção vem de seu apelo a todos que desejam se engajar no ministério: “Não ousem pregar outro sermão enquanto não souberem, pela própria experiência, o que Cristo é para vocês.”¹² Sermões cristocêntricos são resultado de pregadores que têm Cristo no centro de sua vida.¹³

Ministrar para outros. De acordo com Ellen G. White, o aspecto mais prático da pregação é ministrar às pessoas. Assim como aconselhamento, restauração e estudos bíblicos fazem parte do trabalho pastoral, a pregação também faz e é uma das áreas mais importantes do ministério. Quando um pastor valoriza a pregação, ele se torna humilde, e sua elaboração e apresentação da mensagem impactará a congregação adequadamente. Ellen G. White aconselhou: “Com o coração humilde e a mente disposta, [o pregador] deve examinar a Palavra, para extrair da fonte da verdade coisas novas e antigas para o benefício de outros.”¹⁴

“Efeito dominó”

Quando um pregador parte do texto bíblico e não tem um foco cristocêntrico, o resultado é um “efeito dominó”. Isso ocasiona, pelo menos, cinco consequências negativas: (1) a Bíblia deixa de ser a autoridade máxima na pregação; (2) o pregador substitui a autoridade e a voz da Bíblia; (3) o pregador fica alienado da congregação; (4) Deus é removido do púlpito; e (5) o legalismo floresce.¹⁵ Pular palavras da Bíblia ou ler para a congregação palavras que não estão no texto resulta em má exegese, péssima hermenêutica e desastrosa homilética.

Se a Bíblia não for a autoridade na pregação, uma hermenêutica do “eu” pode dominar a mensagem e transformar o pregador em fonte de autoridade. Dominado por ela, o pregador diz: “Meus irmãos, com base em ‘minha’ experiência e autoridade pastoral, quero lhes dizer que...”. “O que ele está querendo dizer é: ‘Eu diria não ‘ou’ eu diria que sim!’”¹⁶

Ao assumir essa postura, ele perde a conexão com a congregação. Quando essa autoridade é assumida a partir do púlpito, o pregador fica isolado, visto como alguém que já vive as demandas que o sermão exigirá dos membros.¹⁷

Como a Bíblia é deixada de lado, e o pregador assume a posição de autoridade, Deus também é removido do púlpito. Para um sermão sobre Josué 3:5, por exemplo, o pregador pode dizer: “Deus quer ir antes de você. Deus quer liderá-lo. Deus quer ajudá-lo. [...] A história do Jordão nos diz o que devemos fazer.”¹⁸

Infelizmente ele coloca Deus à parte. O Senhor quer agir, mas não pode. Por quê? Porque, nesse caso, a congregação tem que agir primeiro. Entre os atos incríveis do Senhor no passado e Seus atos incríveis no futuro, o pregador insere as ações da congregação no presente. O foco do sermão exalta os atos do ser humano e não os de Deus. O resultado final conduz o pregador a uma arena legalista. Quando a Bíblia é emudecida, o pregador se reveste de autoridade, o púlpito fica desprovido da voz de Deus

e o fim desse “dominó” é o legalismo e o fracasso. Continuando com o exemplo do sermão de Josué 3:5, o pregador introduz uma sequência de imperativos: “você deve..., nós devemos..., vocês devem...”.¹⁹

Nesse cenário, o pregador perde a oportunidade de exaltar as ações divinas ao longo do tempo. Tomando o lugar de Deus, ele dirige a atenção dos adoradores para si mesmo. Seria como dizer que, agora, somente por meio das ações dele, Deus está preparado para agir.²⁰

Cuidados na preparação do sermão

Ellen G. White deixou muitas orientações quanto à preparação de sermões. Uma delas é apresentar o texto bíblico de maneira clara e adequada. Embora nunca tenha usado o termo “abuso na pregação”, ela chamou atenção para esse erro em vários de seus escritos.²¹ Encontramos um exemplo no livro *O Grande Conflito*: “Com o intuito de sustentar doutrinas errôneas ou práticas anticristãs, alguns captam passagens das Escrituras separadas do contexto, citando talvez a metade de um simples versículo como prova de seu ponto de vista, quando a parte restante mostraria ser bem contrário o sentido. [...] Assim voluntariamente pervertem a Palavra de Deus. Outros, possuindo ativa imaginação, lançam mão das figuras e símbolos das Escrituras Sagradas, interpretam-nos de acordo com sua vontade, tendo em descaso o testemunho das Escrituras como seu próprio intérprete, e então apresentam suas fantasias como ensinamentos da Bíblia.”²²

Essa citação de Ellen G. White nos adverte contra (1) o uso de textos fora de seus contextos; (2) citar textos aleatoriamente para fundamentar argumentos pessoais; (3) interpretações imaginárias de símbolos e figuras; (4) impor ao texto uma visão particular; e (5) apresentar conceitos pessoais como se fossem instruções das Escrituras.²³

Outro cuidado que deve ser considerado durante a preparação de sermões pode ser extraído da resposta de Ellen G. White a uma pergunta feita por Halbert M. J. Richards, pai do fundador da Voz da Profecia, Harold M. S. Richards. Ele perguntou: “Como devo usar seus escritos em meus sermões?” A autora respondeu: “Aqui está a maneira de usá-los. Primeiro, peça que Deus lhe dê o assunto a ser pregado. Quando você o tiver, então vá para a Bíblia até saber com certeza o que ela realmente ensina sobre esse tema. Depois disso, volte-se para [meus] escritos e veja o que pode encontrar sobre o mesmo assunto. Leia-os cuidadosamente. Veja se ajudam a lançar mais luz sobre o tema escolhido, guiá-lo a outras passagens das Escrituras ou tornar mais claro algum ponto. No entanto, quando você for pregar para as pessoas, pregue-lhes a Bíblia.”²⁴

Esse conselho, se seguido, garante que a Bíblia continue sendo a única fonte de autoridade na pregação. O pregador se colocará diante da congregação como seu servo, Deus permanecerá no púlpito e o legalismo não encontrará nenhum ponto para se apoiar.

Conclusão

Embora este artigo não esgote a discussão dos ensinamentos de Ellen G. White sobre a pregação, ele enfatiza os componentes essenciais da preparação e apresentação do sermão.

Um componente unificador presente ao longo deste artigo é que o texto bíblico sempre deve ser o fundamento principal na preparação do sermão. Afinal, a mensagem é energizada pela substância, essência e conteúdo do texto sagrado.²⁵ Esse é o ponto em que Ellen G. White coloca sua ênfase. Quando isso for seguido, as armadilhas do inimigo serão evitadas, e o evangelho será pregado com poder! **M**

Referências

- 1 Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 189.
- 2 Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 186.
- 3 Ellen G. White, *Ministério Pastoral*, p. 188.
- 4 *Ibid.*, p. 189.
- 5 *Ibid.*, p. 190.
- 6 *Ibid.*, p. 189.
- 7 *Ibid.*
- 8 J. Cilliers, *Die Uitwissing Van God op Die Kansel* (Kaaipstad: Lux Verbi, 1996), p. 2.
- 9 Ellen G. White, *Manuscript Releases*, v. 8 (Silver Spring, MD: EGW Estate, 1990), p. 271.
- 10 Ellen G. White, *Manuscript Releases*, v. 17, p. 74.
- 11 Mervyn A. Warren, “But Where Is the Lamb?: An Ancient Question for Modern Pulpits”, *Ministry*, dezembro de 2007, p. 19.
- 12 Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 4ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 155.
- 13 Ellen G. White, *Ministério Pastoral*, p. 192.
- 14 *Ibid.*, p. 189.
- 15 J. Cilliers, *Die Uitwissing Van God op Die Kansel*, p. 140, 141.
- 16 *Ibid.*, p. 86, 87 (ênfase acrescentada).
- 17 *Ibid.*, p. 96, 97.
- 18 *Ibid.*, p. 102, 103 (ênfase acrescentada).
- 19 *Ibid.*
- 20 *Ibid.*, p. 42.
- 21 Nestor C. Rilloma, “The Divine Authority of Preaching and Applying the Word: Ellen G. White’s Perspective in Relation to Evangelical Viewpoints”, *Journal of the Adventist Theological Society* (2005), v. 16, nº 1 e 2, p. 166.
- 22 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 521.
- 23 Nestor C. Rilloma, *Journal of the Adventist Theological Society*, (2005), v. 16, nº 1 e 2, p. 166.
- 24 J. R. Spangler, “Interview’s H. M. S. Richards”, *Ministry*, outubro de 1976, p. 5-7.
- 25 Mervyn A. Warren, *Ellen White on Preaching* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publ. Assn., 2010), p. 9.



Gabriël A. Oberholzer é graduando em Teologia da Faculdade Helderberg, África do Sul

Quem escreveu o Pentateuco?



Considerações redacionais acerca dos primeiros cinco livros da Bíblia

Ozeas C. Moura

Existem basicamente três ideias sobre a autoria do Pentateuco: (1) Moisés escreveu tudo o que está nele (incluindo Deuteronômio 34, que trata da sua morte); (2) Moisés não escreveu nada; o texto do Pentateuco é fruto de compilação efetuada “por Esdras e seus assistentes em Babilônia, fazendo uso de uma coletânea heterogênea de matérias escritas, provenientes do período pré-exílico”;¹ e (3) o Pentateuco é de autoria mosaica, mas contém algumas inserções de escribas, visando ajudar o leitor a entendê-lo melhor.

Autoria mosaica total

A primeira ideia, a de que Moisés escreveu todo o Pentateuco, não tem sentido, visto que há textos que são claramente obra de outro autor. Primeiramente, temos o capítulo 34 de Deuteronômio, que trata da morte de Moisés. Teria ele escrito seu próprio epitáfio? O teor desse capítulo deixa claro que foi outra mão que detalhou os momentos finais do profeta no cume do monte Nebo: seu estado físico (34:7), sua morte e o local do sepultamento (v. 5, 6), o luto de 30 dias por parte dos israelitas (v. 8) e a informação de que “nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face” (v. 10).²

Outro texto que mostra autoria diferente da de Moisés é o de Gênesis 14:14, onde é dito que Abraão perseguiu os reis que levavam Ló e os demais cativos “até Dã”. Ora, a Bíblia nos diz que, no tempo de Abraão, a cidade de Dã era chamada “Laís” (Jz 18:27-29) ou “Lesém” (Js 19:47). A cidade de Laís/Lesém passou a se chamar Dã somente após esta tribo conquistá-la, depois que os israelitas invadiram a Palestina, por volta de 1405 a.C. A atualização do nome da cidade, que no tempo de Abraão e de Moisés se chamava Laís/Lesém, ocorreu mais de 400 anos depois do período de Abraão.

Moisés não escreveu o Pentateuco

A segunda ideia afirma que o Pentateuco não é de autoria mosaica, mas fruto da compilação de Esdras durante o cativeiro em Babilônia.³ Para começar, essa ideia diminui a pessoa de Moisés que, para alguns teólogos da alta crítica, talvez nem tenha existido.⁴ Ela o torna alguém incapaz de escrever os cinco livros que compõem o Pentateuco, desconsiderando a informação bíblica de que ele foi “educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras” (At 7:22).

Quem nega a autoria mosaica do Pentateuco entra em choque com três questões extremamente importantes:⁵

O testemunho do Pentateuco. O próprio Pentateuco afirma que Moisés foi seu autor. “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” (Êx 24:4); “São estas as caminhadas dos filhos de Israel. [...] Escreveu Moisés as suas saídas, caminhada após caminhada, conforme o mandado do Senhor” (Nm 33:1, 2); “Esta lei escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi” (Dt 31:9).

O testemunho do autor do livro de Josué. “Escreveu [Josué], ali, em pedras, uma cópia da lei de Moisés, que já este havia escrito diante dos filhos de Israel” (Js 8:32).

O testemunho do Novo Testamento. Eis dois textos: “Se vocês, de fato, cressem em Moisés, também criam em Mim; pois ele

realmente participou dos eventos. Tais detalhes estariam além do conhecimento de um autor vivendo séculos depois desses fatos. Vejamos dois exemplos: (1) o número exato de fontes (12) e de palmeiras (70) no oásis de Elim (Êx 12:27); (2) a aparência do maná “como semente de coentro”, “semelhante à de bdélio”, e seu gosto “como o de bolos amassados com azeite” (Nm 11:7, 8).

O autor de Gênesis e do Êxodo conhecia profundamente o Egito, como é esperado de alguém que participou do Êxodo. O autor desses dois livros do Pentateuco conhecia expressões e nomes egípcios, tais como *Om* (antigo nome da cidade de Heliópolis, cf. Gn 41:45); *Pitom* (“Casa de Atum”, uma divindade, cf. Êx 1:11); *Potífera* (“Dádiva de Rá”, o deus sol, cf. Gn 41:45); *Asenate* (“Favorita de Neite”, nome de uma

país, quando Ele lhes tiver dado esta terra” (Êx 13:11, NAA).

Julius Wellhausen ainda pontua que “a atmosfera de Êxodo até Números é indubitavelmente a do deserto, e não a de um povo agrícola estabelecido em suas propriedades ancestrais há quase mil anos”.⁸

Autoria mosaica com inserções

Por último, a terceira ideia declara que o Pentateuco é de autoria mosaica, mas que alguns versículos são inserções escritas, como auxílio ao leitor no entendimento do texto.

Como vimos na análise da primeira ideia, percebe-se que algumas informações não são de autoria mosaica, mas foram adicionadas ao Pentateuco pelos copistas, para melhor compreensão do texto.⁹ Nota-se que tais inserções quebram a sequência natural da narrativa e introduzem alguma explicação. Em alguns casos, observa-se a modernização de nomes antigos de lugares e cidades.

Vejamos alguns exemplos de inserções ou atualizações contidas no texto do Pentateuco:

Gênesis 12:6 - “Atravessou Abrão a terra de Siquém, até ao carvalho de Moré. *Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra.*” Em Gênesis 13:7, aparece uma expressão similar: “Houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló. *Nesse tempo os cananeus e os fezezeus habitavam essa terra.*”

Gênesis 14:14 - “Ouvindo Abrão que seu sobrinho estava preso, fez sair trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e os perseguiu até Dã.” Como já mencionado, o vocábulo “Dã” é um exemplo de atualização ou modernização de um nome antigo e fora de uso. É dito no texto que Abraão “perseguiu até Dã” os reis invasores, que estavam levando cativos Ló e sua família. Acontece que nem no tempo de Abraão (quando houve aquela invasão) nem no tempo de Moisés (que relatou aquele acontecimento por escrito) houve uma

As atualizações de nomes e a inserção de expressões explicativas têm apenas o papel de aclarar ainda mais o texto mosaico para o benefício de seus leitores de todas as épocas.

escreveu a Meu respeito. Se, porém, não creem nos escritos dele, como crerão nas Minhas palavras?” (Jo 5:46, 47, NAA); “Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela” (Rm 10:5). “É difícil compreender como alguém pode aceitar a Teoria Documental (que Moisés não escreveu uma palavra sequer da Lei) sem atribuir ou falsidade ou erro tanto a Cristo como aos apóstolos.”¹⁶

Além desse tríptico testemunho, podemos mencionar ainda algumas evidências internas no Pentateuco para Moisés como seu autor:

Precisão nos detalhes. O texto aponta para uma testemunha ocular, alguém que

deusa e da esposa de José, cf. Gn 41:45); *Moisés* (“Filho das águas”, ou a forma reduzida de um nome composto, cujo início aludia a algum deus egípcio, como *Tutmose* ou *Amose*, cf. Êx 2:10); *Zafenate-Paneia* (“O deus fala que ele pode viver”,⁷ nome egípcio de José, cf. Gn 41:45); *’abrek*, vocábulo traduzido na versão Almeida Revista e Atualizada por “Inclinaí-vos!” (cf. Gn 41:43), que talvez venha da palavra egípcia *’brk* (“Curva-te, ó coração!”).

O autor do Pentateuco considerava a Palestina um território novo, ainda a ser conquistado pelos israelitas. “Quando o Senhor os houver introduzido na terra dos cananeus, como jurou a vocês e aos seus

cidade com o nome Dã. A cidade somente foi chamada assim quando a tribo de Dã tomou Laís (Jz 18:7, 14, 27, 29) ou Lesém (outra maneira de grafar esse nome, cf. Js 19:47), e mudou-lhe o nome. “O uso do nome ‘Dã’ para a cidade em tempos mais recentes (Gn 14:14; Dt 34:1) foi, sem dúvida, obra de um escriba posterior, que substituiu um nome fora de uso por outro de uso corrente.”¹⁰

Gênesis 47:11 - “Então, José estabeleceu seu pai e seus irmãos e lhes deu propriedades na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés, como Faraó havia ordenado (NAA).” Se o Êxodo aconteceu em 1445 a.C. (cf. 1Rs 6:1), cerca de dois séculos antes do faraó Ramsés II (1299-1232 a.C.), então “Ramessés” é atualização escrital para “Gósen”, o antigo nome dessa localidade.

Também temos a informação de que o antigo nome da “terra de Ramessés” era “terra de Gósen” (cf. Gn 45:10; 46:28, 29, 34; 47:1, 4, 6, 27; 50:8; Êx 8:22; 9:26). Assim, a “terra de Gósen”, que Moisés conheceu e da qual saiu com os israelitas, foi mais tarde atualizada por um escriba para “terra de Ramessés”, obviamente, durante ou depois do reinado de Ramsés II.¹¹

Êxodo 1:11 - “E os egípcios puseram sobre eles feitores de obras, para os afligir com trabalhos pesados. E assim os israelitas construíram para Faraó as cidades-celeiros, Pitom e Ramessés.” Se o Êxodo aconteceu em 1445 a.C., então “Ramessés” é a atualização escrital para seu antigo nome. A cidade de Ramessés é identificada por muitos egiptologistas como Tânis (a Zoã bíblica, cf. Nm 13:22). No tempo dos hicsos chamava-se Ávaris, e eles fizeram dela sua capital. “Muito tempo depois da expulsão deles do Egito, Ramsés II a aumentou, embelezou e lhe deu seu nome.”¹²

Êxodo 16:35 - “E os filhos de Israel comeram maná durante quarenta anos, até que entraram em terra habitada. Comeram maná até que chegaram aos limites da terra de Canaã.” O *Comentário Bíblico Adventista* menciona que essa informação

poderia ter sido dada ou por Moisés, um pouco antes de sua morte, ou por um escriba inspirado, provavelmente Josué.¹³ Contudo, o texto de Josué 5:10 a 12 exclui Moisés como possível autor dessa informação sobre a cessação do maná: “Enquanto os filhos de Israel estavam acampados em Gilgal [depois de atravessarem o Jordão e, portanto, já estabelecidos na terra de Canaã], celebraram a Páscoa no dia quatorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. No dia seguinte à Páscoa, comeram do fruto da terra; nesse mesmo dia comeram pães sem fermento e cereais tostados. Um dia depois de terem comido do produto da terra, o maná cessou, e os filhos de Israel não mais o tiveram; mas, naquele ano, comeram do que foi colhido na terra de Canaã” (NAA). Dessa maneira, fica evidente que Moisés não pôde ser o autor da informação sobre a cessação do maná, ficando Josué como seu provável autor.

Deuteronômio 34 - O teor de todo esse capítulo aponta para sua autoria não mosaica. Não faz sentido Moisés ter escrito seu próprio epitáfio, pouco antes de sua morte.¹⁴ Em Deuteronômio 34:1 há uma importante informação que mostra que alguém depois da morte de Moisés acrescentou detalhes ao capítulo. Trata-se da menção “o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã”. Acontece que a região ou cidade de “Dã” somente foi chamada assim depois da conquista da cidade de Laís/Lesém pelos israelitas, após terem entrado em Canaã (cf. Jz 18:27-29). Essa introdução (v. 1) ao capítulo 34 estabelece sua data a partir do tempo em que os danitas capturaram Laís e lhe mudaram o nome para “Dã, segundo o nome de Dã, seu pai” (Jz 19:47).

Além disso, algumas expressões em Deuteronômio 34 apontam para outra mão, e não a de Moisés, como a que o escreveu: (1) A informação de que “ninguém sabe, até hoje, o lugar de sua sepultura” (v. 6) demonstra o interesse “da parte dos

que sobreviveram a Moisés quanto ao local de sua sepultura”;¹⁵ (2) Os elogios contidos nos versículos 10 a 12, como, por exemplo, “Nunca mais se levantou em Israel um profeta como Moisés, com quem o Senhor tratava face a face” (NAA, v. 10), parecem bem mais apropriados se feitos “por Josué ou alguma outra pessoa do que pelo próprio Moisés”.¹⁶

Em conclusão a essas considerações, podemos reafirmar nossa crença quanto à autoria mosaica do Pentateuco. As atualizações ou modernizações de nomes, a inserção de expressões explicativas, têm apenas o papel de aclarar ainda mais o texto mosaico para o benefício de seus leitores de todas as épocas. **M**

Nota: Este artigo foi primeiramente publicado em *Kerygma*, v. 7, nº 1 (2011), p. 136-142. Republicado com autorização do autor.

Referências

- 1 G. L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1991), p. 483.
- 2 *Ibid.*, p. 465.
- 3 A. De Pury (org.), *O Pentateuco em Questão* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1996), p. 19.
- 4 *Ibid.*, p. 20.
- 5 G. L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?*, p. 497-508.
- 6 *Ibid.*, p. 498.
- 7 *Ibid.*, p. 448.
- 8 *Ibid.*, p. 504, 505.
- 9 Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1979), v. 8, p. 202.
- 10 *Ibid.*, p. 262.
- 11 *Ibid.*, p. 498.
- 12 *Ibid.*, p. 497.
- 13 *Ibid.*, p. 582.
- 14 *Ibid.*, p. 1077.
- 15 *Ibid.*
- 16 *Ibid.*



Cortesia do autor

Ozeas C. Moura, doutor em Teologia, é professor da Faculdade de Teologia do Unasp, EC

BÍBLIA SAGRADA

Evangelho distorcido

Uma avaliação
crítica a respeito
da Teologia da
Prosperidade

Mauro Campillay



Há um falso evangelho sendo pregado que deixa de lado Cristo e Sua cruz, destacando em seu lugar promessas de riqueza, saúde e felicidade com frases do tipo: “Determine que tudo aquilo que você tocar vai prosperar” ou “seja fiel em ofertar, e Deus vai recompensá-lo”.¹ Esse evangelho espúrio defende a força de uma confissão positiva que gera fé e, desse modo, constrange Deus a derramar bênçãos sobre a vida do ofertante, em forma de prosperidade financeira e vida saudável.

Tudo isso é parte da chamada Teologia da Prosperidade. Essa teologia egocêntrica e egoísta afirma que a prosperidade pode ser usufruída aqui e agora por todo aquele que crê. Robert Tilton, um representante desse movimento, afirma: “Creio que seja vontade de Deus que todos prosperem porque vejo isso na Palavra de Deus, não porque tenha funcionado poderosamente com outra pessoa. Não ponho meus olhos nos homens, mas no Deus que me dá poder para obter riquezas.”²

Contexto histórico

Uma análise do fenômeno mostra que entre os anos 1940 e 1970 começaram a surgir vislumbres da Teologia da Prosperidade entre grupos pentecostais. Contudo, é quase impossível definir com exatidão o início desse movimento, embora seja adequado indicar que sua origem “é o resultado de uma mescla de doutrinas que foram aperfeiçoadas por Essek William Kenyon, A. A. Allen, Kenneth Hagin, Benny Hinn”, entre outros.³

De fato, “as raízes dessa teologia se relacionam com o marco incomparável do *boom* econômico pós-Segunda Guerra Mundial”.⁴ Atualmente, esse movimento se encontra nas esferas neopentecostais e também em alguns círculos batistas, presbiterianos, metodistas, etc. Os principais seguidores da Teologia da Prosperidade estão nos Estados Unidos, embora suas ideias estejam espalhadas também na América Latina, África, Ásia e Europa.⁵

Entre os grandes expoentes da Teologia da Prosperidade está Kenneth Hagin. Seu ministério foi fundado em 1962, nos Estados Unidos, e se caracterizou “por transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais”. Hagin dizia ter diálogos com Jesus em revelações no Céu e, às vezes, no inferno. Para justificar suas posições teológicas, certa vez afirmou que “Jesus o faria rico em troca de sua obediência”. Ele argumentava que Cristo não tem

nada contra aqueles que enriquecem; a questão é cuidar para não se tornar cobiçoso.⁶

Ideias principais

O movimento originado nos Estados Unidos se expandiu na década de 1980, especialmente na América Latina, em países como Brasil, Argentina, Colômbia e Guatemala, onde experimenta grande êxito.

Em sua estrutura conceitual, a Teologia da Prosperidade defende que seus adeptos devem usufruir de bem-estar material e de riqueza, uma vez que Deus chamou os crentes para ser reis e sacerdotes. Além disso, se utiliza de pregações motivacionais – cujo tema principal é a prosperidade financeira, a felicidade e o êxito –, e rejeita a pobreza, considerando-a resultado da falta de fé, posto que os filhos de Deus devem ser abençoados materialmente.

De modo geral, seus templos estão em regiões centrais, e os cultos ocorrem em um clima de espetáculo, onde são abundantes as manifestações de cura, euforia e música extravagante.⁷

Seus principais pressupostos teológicos são:

1) Como Deus é o dono do mundo, e os seres humanos são filhos Dele, como herdeiros eles têm a permissão de reclamar seus direitos sobre o mundo.

2) As bênçãos prometidas na Bíblia são materiais e pertencem a “todo aquele que se une a Deus e investe em Seus projetos”.

3) A prosperidade é obtida por meio da fé. Quem pede com fé recebe; se não recebe, é porque não tem fé. Os demônios são os causadores da pobreza.

4) O segredo está na oferta: “Quanto maior for sua oferta, maior demonstração de confiança você dará a Deus; assim, maiores serão suas bênçãos.”

É por isso que pastores e televangelistas fazem questão de exibir sua vida de luxo como evidência de santidade e bênção divina. Constroem grandiosos impérios econômicos, “buscando cada vez mais poder e influência nos meios de comunicação”.⁸

Avaliação crítica

A Teologia da Prosperidade é uma doutrina que considera “a riqueza material e a prosperidade econômica como consequências autênticas da fidelidade cristã”. Por meio de uma exegese completamente equivocada, apresenta Cristo como “um homem rico e próspero” que, desde Seu nascimento, recebeu presentes dispendiosos, chegou ao ponto de ter responsáveis por Seu dinheiro, roupas caras, etc.

Uma vez que Jesus foi alguém abastado, os proponentes dessa crença entendem que qualquer pessoa pode alcançar essa condição, desde que possa controlar sua fé, pois a palavra do crente move a mão de Deus.⁹

Esse evangelho “degrada Deus para deificar o homem”. A consequência dessa ideia é uma tendência à idolatria do ego que escraviza o homem e o destrói, fazendo com que ele se fixe em si mesmo, ignorando os demais. O cristianismo se caracteriza pelo serviço e amor ao próximo, enquanto a Teologia da Prosperidade conduz a uma atitude egoísta e egocêntrica.¹⁰

Além disso, essa doutrina apresenta a pobreza como pecado, “enquanto a riqueza material deve ser entendida como reflexo de uma vida espiritualmente abundante”.¹¹ Por sua vez, o texto bíblico jamais condena a pobreza, mas é contundente ao afirmar que pecado é “a transgressão da lei” (1Jo 3:4). Desse modo, nem sempre a prosperidade e as riquezas pertencem aos mais consagrados.

O escasso conhecimento bíblico dos seguidores desse movimento permite que seus promotores se aproveitem e ensinem um evangelho distorcido, com vistas a ampliar seu poder financeiro.¹² Contudo, isso ainda não é o pior: essa doutrina prejudica a teologia em si, por “extrair versículos bíblicos de seu contexto literário e histórico e chegar a conclusões perversas e errôneas, completamente estranhas à intenção inspirada do autor”. De fato, tal procedimento afeta consideravelmente aos que creem nesse movimento, se decepcionam e apostatam da fé. Em última instância, a Teologia da Prosperidade é um obstáculo para todos aqueles que pregam as boas-novas, porque compromete o avanço “do reino de Deus na Terra”.¹³

É verdade que a abundância “pode representar uma bênção de Deus”, mas as Escrituras falam acerca de administrá-la com sabedoria. O Antigo Testamento afirma que o temor do Senhor traz bens e riquezas

(Sl 112:1-3). Entretanto, a autossuficiência traz perigo. Por isso é fundamental manter a dependência de Deus. O Antigo Testamento também admoesta que os fiéis não ajuntem riquezas nem se esqueçam de que Deus é quem prospera Seus filhos (Dt 8:17, 18).

Por sua vez, o Novo Testamento enfatiza os perigos da prosperidade, mas não condena as posses. Nas parábolas e nos vários ensinamentos de Jesus, uma das maiores ênfases está em não depositar as esperanças nas riquezas terrestres, “mas em Deus” (1Tm 6:18). Há um interesse espiritual e um padrão mais elevado a ser alcançado: ter riqueza de caráter. “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” Jesus ensinou que Seu reino não é desse mundo; isso não quer dizer que Ele não deseja nos abençoar, mas que nosso olhar deve se dirigir às coisas do alto.¹⁴

O verdadeiro sentido da prosperidade dentro das Escrituras “não é o acúmulo egoísta de bens, mas a solidariedade com os necessitados”. Deus nos abençoa para que possamos abençoar os outros. A pobreza não é pecaminosa em hipótese alguma, mas se trata de um chamado à solidariedade. Inclusive existe um dilema para os adeptos da Teologia da Prosperidade: a riqueza dos maus e a pobreza dos justos. Portanto, “a riqueza nem sempre é um prêmio pela fé e a santidade, nem a pobreza é sempre resultado do pecado ou da falta de fé”.¹⁵

Conclusão

Ao longo dos anos, a Teologia da Prosperidade tem se alastrado de modo significativo. Muitas pessoas, porém, decepcionadas com essa doutrina, acabam abandonando o cristianismo. De acordo com as Escrituras, ser pobre não é sinônimo de alguém descrente ou falto de fé. O texto bíblico ainda assevera que os ímpios podem ter riqueza e sucesso.

Deus é amor, e Ele nos abençoa para que possamos abençoar os demais.

As bênçãos, por sua vez, nem sempre são materiais, conforme pretende ensinar a Teologia da Prosperidade.

Em resumo, essa doutrina espúria se fundamenta em textos extraídos de seu contexto, desvirtua o sentido que o autor sagrado quis lhes dar e está distante de qualquer doutrina bíblica. Seus resultados práticos são danosos e afastam seus adeptos do verdadeiro sentido bíblico da prosperidade espiritual. **IM**

Referências

¹ David J. Jones e Russell S. Woodbridge, *¿Salud, Riquezas y Felicidad? Los Errores de la Teología de la Prosperidad* (Michigan: Editorial Portavoz, 2011), p. 17.

² *Ibid.*, p. 19.

³ Josué Capcha, *La Miseria de la Teología de la Prosperidad* (San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2012), p. 17.

⁴ Arturo Piedra, *Teología de la Gracia y Teología de la Prosperidad: El Desafío Permanente de las Teologías Populares* (San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2004), p. 6-8.

⁵ Luis Eduardo Cantero, “¿Qué de la Teología de la Prosperidad?”, em <<https://goo.gl/KGoiAJ>>.

⁶ Capcha, p. 19.

⁷ Miguel Ángel Mansilla, Wilson Muñoz e Carlos Piñones-Rivera, “El Postpentecostalismo. La concepción de los migrantes peruanos y bolivianos evangélicos (quechuas y aymaras) sobre el pentecostalismo chileno”, *Diálogo Andino*, nº 51, 2016, p. 81-91.

⁸ Miguel Pastorino, “Teología de la Prosperidad: El Evangelio de la Avaricia”, em <<https://goo.gl/9tDk3m>>.

⁹ Antonio Cruz, *Sociología: Una Desmitificación* (Barcelona: Editorial Clie, 2001), p. 564, 565.

¹⁰ *Ibid.*, 567

¹¹ *Ibid.*, 565.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, 566.

¹⁴ A. Lockward, *Nuevo Diccionario de la Biblia* (Miami, FL: Editorial Unilit, 1999), p. 888, 889.

¹⁵ Juan Stam, “¿Es bíblica la Teología de la Prosperidad?”, em <<https://goo.gl/SUtygl>>.



Cortezia do autor.

Mauro Campillay é aluno da Faculdade de Teologia da Universidade Adventista do Chile

Igreja perseguida



© Hanna / Fotolia

Atualmente estima-se que mais de 215 milhões de pessoas no mundo enfrentam algum tipo de perseguição em virtude de sua fé em Jesus Cristo. Desde a década de 1970, a missão Portas Abertas, organização interdenominacional presente em 60 países, publica a *Lista Mundial da Perseguição*, um relatório anual que visa mapear a situação dos cristãos em todos os lugares, avaliando o nível de liberdade religiosa que as pessoas têm para praticar a fé em cinco esferas da vida: individual, familiar, comunitária, nacional e eclesial.

Entre outras informações, o relatório divulgado em janeiro aponta que a Coreia do Norte lidera o ranking pelo 16º ano consecutivo, e que o continente americano contém dois representantes entre os 50 países com maior nível de perseguição: México (39º lugar) e Colômbia (49º lugar). Conheça ao lado os 10 países mais perigosos para a igreja cristã e lembre-se de orar pelos irmãos que sofrem por amor a Cristo.



Coreia do Norte

1

Religião: maioria ateu ou sem religião; crenças tradicionais, como budismo e confucionismo

Fonte de perseguição: paranoia ditatorial

População: 24,5 milhões | **Cristãos:** c. 300 mil



Afeganistão

2

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 34,1 milhões | **Cristãos:** milhares



Somália

3

Religião: islamismo sunita

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 11,3 milhões | **Cristãos:** algumas centenas



Sudão

4

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 42,1 milhões | **Cristãos:** 1,9 milhão



Paquistão

5

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 196,7 milhões | **Cristãos:** 3,9 milhões



Eritreia

6

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: paranoia ditatorial

População: 5,4 milhões | **Cristãos:** 2,5 milhões



Líbia

7

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 6,4 milhões | **Cristãos:** 41,7 mil



Iraque

8

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 38,6 milhões | **Cristãos:** 258 mil



Iêmen

9

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 28,1 milhões | **Cristãos:** alguns milhares



Irã

10

Religião: islamismo

Fonte de perseguição: opressão islâmica

População: 80,9 milhões | **Cristãos:** 800 mil

Fonte: Missão Portas Abertas, *Lista Mundial da Perseguição*, <<https://goo.gl/vzYsam>>.

A idolatria do método

Bruno Lopes

No dia 10 de abril de 1912, David Blair trocou apressadamente de posto com seu colega de trabalho, Charles Lightoller. Ao sair, esqueceu-se de entregar ao substituto uma chave que estava em seu bolso. Um problema aparentemente insignificante que, no entanto, custou a vida de 1.522 pessoas. Aquela chave abria o armário em que ficavam guardados os binóculos do Titanic. Mesmo sendo verídica, essa história poderia ser taxada de absurda se motivasse a seguinte advertência: “Esquecer uma chave no bolso pode levar à morte milhares de pessoas.” O mesmo pode ser dito sobre o título deste artigo, já que parece absurda a ideia de alguém idolatrar um método. Contudo, como na história da chave, para além das aparências, a idolatria do método é um problema real.

Definição de idolatria

O primeiro ponto para compreender a idolatria do método é conceituar o termo e identificar suas características. G. K. Beale apresenta uma adaptação ao conceito de idolatria apresentado por Lutero em seu *Catecismo Maior*: “Tudo aquilo a que seu coração se apega e se entrega com fé, isso é seu deus; bastam apenas a confiança e a fé do coração para constituir tanto a deus quanto ao ídolo.”¹

Certamente esse conceito não é novo. Émile Durkheim disse algo semelhante ao defender que a religião era uma criação da sociedade, que idealizava seus deuses e o que era bom.² Claro que isso não pode ser atribuído ao Deus verdadeiro, mas pode muito bem ser atribuído aos ídolos.

Ainda há outros exemplos. Leonardo Boff cita o futebol como uma religião secular. Para ele, o esporte e seu mundo reproduzem elementos da vida religiosa como templos, seitas e cultos. Ele não se refere abertamente ao futebol como idolatria nem ao deus futebol, mas quem discordaria de que grandes jogadores ficam conhecidos por se encaixarem nesse perfil?³ Rodrigo Portella e Deis Siqueira chegam a sugerir que a secularização da sociedade estaria elevando questões corriqueiras a um patamar religioso.⁴ Ou seja, elementos sem o menor sentido religioso são venerados ou respeitados de uma forma antes restrita às divindades, assim como no exemplo dado por Boff. Desse modo, um método nem precisa ser considerado divino ou espiritual para ser objeto de idolatria.

Por mais que isso seja verdade, pode-se afirmar que idolatrar determinado método é algo demasiado ridículo para se crer. Entretanto, é exatamente isso que ocorre com todas as idolatrias. Isaías 44 menciona que a idolatria não faz o menor sentido, e que o adorador de ídolos venera algo que é menor do que ele mesmo. Aliás, esse texto deixa evidente o que foi visto até aqui: que o ídolo é um deus-criatura, uma construção humana para que se preste culto e se peça favores. Talvez seja justamente o desejo de se engrandecer que leva o ser humano a atribuir poderes imensos a algo que esteja sob seu controle. G. K. Chesterton pondera: “Parece haver uma desproporção entre o sacerdote e o altar, ou entre o altar e Deus. O sacerdote parece

O risco em se permitir que as ferramentas para a missão se tornem um fim em si mesmas

mais solene e quase mais sagrado do que Deus [...]. Naquele estranho ponto de encontro, o homem parece mais escultural do que a estátua.”⁵

Esse delírio de grandeza leva a uma correlação entre idolatria e salvação pelas obras, já que os ídolos são criações humanas para proporcionar favores a si mesmos, entre eles a salvação. A obediência não é exercida como fruto da divindade, mas como meio de conseguir bênçãos.

C. S. Lewis comenta que misturar moral com divindade é algo raro na humanidade, e que o único povo a apresentar uma “divindade” assim é o judeu.⁶ Isso mostra que seguir um falso deus não implica ser bom ou correto, mas fazer algo que traga retorno. Sendo assim, o ídolo pode ser considerado um meio de se conseguir benefícios pessoais diretos ou indiretos.

A história de Mica e os danitas (Jz 17, 18) apresenta outro elemento interessante. Conforme o relato bíblico descreve, muitas coisas foram feitas com o pretexto de agradar ao Deus verdadeiro: eles construíram um altar, contrataram um sacerdote da tribo de Levi e ofereceram um culto. Porém, tudo não passou de idolatria! Mica dizia adorar ao Deus verdadeiro, mas,

INNOVATION
SOLUTION
BRANDING
IDEAS
MARKETING
SUCCESS
MANAGEMENT
ANALYSIS

© BillionPhotos.com / Fotolia



But I must explain to you how all this mistaken idea of denouncing pleasure and praising pain was born and I will give you a complete account of the system, and expound the actual teachings of the great explorer of the truth, the master-builder of human happiness.

At vero eos et accusamus et iusto odio dignissimos ducimus qui blanditiis praesentia voluptate est. Similique sunt in culpa qui officia deserunt harum quidem rerum facilis est et expedita dignam eligendi optio. Cumque nihil impedit quo minus voluptas assumenda est, omnis dolor repellendus. Debitis aut rerum necessitatibus saepe eveniet ut recusandae. Itaque earum rerum hic tenetur a maiores alias consequatur aut perferendis doloribus.

de fato, havia criado um ídolo para lhe prestar favores (Jz 17:13). Em 1 Reis 12:28 e Amós 8:14 fica evidente que Mica e os danitas adoravam um falso deus, mesmo que suas palavras fossem direcionadas ao Deus verdadeiro. Afinal, o deus de Mica podia ter nome e ser semelhante ao Senhor, porém tinha gostos bem diferentes, uma vez que aceitava uma adoração contrária à lei de Moisés. Portanto, era uma contrafação do Deus verdadeiro, uma caricatura criada para conceder favores.

Esse é um cenário parecido com o descrito por C. S. Lewis em sua parábola “A última batalha”.⁷ Um dos pontos levantados pelo autor é que, enquanto o Senhor considera repugnante ser confundido com os ídolos, Satanás não se preocupa com essa questão: ele aceita qualquer tipo de falsa adoração direcionada ao Deus verdadeiro. A Bíblia apresenta muitos exemplos disso, e alguns mostram uma dinâmica diferente da que encontramos na história de Mica. Esse é o caso da serpente Neustã.

Neustã foi um ídolo como qualquer outro, sem vontade própria e feito por mãos humanas. A diferença, porém, era que ele surgiu no contexto de uma ordem divina – o Senhor ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze (Nm 21:8). Apesar disso, em 2 Reis 18:4 é dito que o povo de Israel começou a tratar aquela serpente como se fosse uma divindade, queimando incenso diante dela. Enquanto na história de Mica o protagonista criou um falso deus por meio de atos inaceitáveis dedicados

ao verdadeiro Deus, no episódio dos israelitas e a serpente de bronze, um instrumento criado por ordem de Deus se tornou objeto de idolatria.

Um ponto esclarecedor nessa história é que o nome Neustã significa literalmente “serpente de bronze”, o que indica que não era o nome de uma divindade, mas um tipo de apelido dado a essa escultura.⁸ Contudo, o objeto de ensino utilizado por Deus acabou sendo considerado poderoso em si mesmo, tornando-se, por fim, um ídolo.

Método, mensagem e poder divino

É nesse contexto que se encaixa a idolatria do método. Por mais que pareça absurdo alguém pegar um manual metodológico e colocá-lo em um pedestal rodeado de velas, não parece tão insensato acreditar que o sucesso venha como resultado da aplicação de um método, ignorando a bênção divina. Aliás, essa é uma tentação recorrente no cumprimento da missão. É possível que determinadas instituições, igrejas e comunidades sejam vistas como exemplo pelos resultados alcançados devido a seus métodos, em lugar de atribuir seu sucesso à ligação delas com Cristo e sua fidelidade aos padrões bíblicos.

Claro que devemos encontrar a melhor maneira de realizar o trabalho do Senhor, o que inclui buscar os melhores métodos. Entretanto, se no processo o método se tornar mais importante do que a comunhão ou o estudo das Escrituras, a confiança será deslocada de “o que Deus pode fazer” para “o que nós podemos fazer”. Tal atitude leva à idolatria.

Difícilmente algum líder cristão afirmará que confia mais em um determinado método do que no poder divino. Todavia, isso pode ocorrer, mesmo que involuntariamente. Talvez a maior evidência desse deslocamento da fé se manifeste quando os louros da vitória não vão para Cristo, mas para os métodos utilizados e as

pessoas que fizeram uso deles. Ora, se o poder que opera é o divino, porque deveriam as pessoas e os métodos receber a glória pelo sucesso? O serviço do Senhor, contaminado pela veneração ao método, acaba gerando o engrandecimento do ser humano, algo repudiado pelas Escrituras, mas típico da idolatria. Ele é engrandecido pelo ídolo que criou.

Há quem argumente que esse comportamento pode ser tolerado justamente por ser algo pequeno diante dos resultados conseguidos. Contudo, ser leniente com essa questão é tentar agradar ao Senhor com o que O aborrece. Assim, acaba-se prestando adoração e serviço a uma “caricatura” do Deus verdadeiro, como foi o caso de Mica. Enquanto o Senhor exalta o humilde e humilha o exaltado, o “deus idolatrado” valoriza aquele que está se exaltando.

Não é necessário ir tão longe para se tornar um ídolo. De fato, é fácil ser pego nessa armadilha. Mesmo sendo zelosos e obedientes a Deus, podemos cair na idolatria do método. Assim como no caso de Neustã, qualquer um pode ser levado a crer que a ferramenta instituída por Deus tem poder em si mesma e a colocar sua confiança em um mero instrumento. É o que ocorre quando se diz que sem determinado método não é possível ter sucesso, e que fora desse método tudo se torna insuficiente ou insatisfatório.

Assim como a serpente de bronze foi um instrumento sem poder usado pelo Deus todo-poderoso, métodos corretos são ferramentas sem vida usadas pelo Espírito vivificante. João 3:14 diz que a serpente de bronze foi levantada no deserto para apontar o Salvador, não a escultura em si. Da mesma forma, um método deve ter como objetivo levar pecadores a Cristo e não a ele mesmo ou a quem o utiliza.

É indiscutível que precisamos de métodos na adoração, pregação, evangelização ou qualquer outra área. Devemos ter compromisso com a excelência no serviço

do Senhor e almejar resultados maiores e mais elevados. Todo servo de Deus deve repudiar a mediocridade e o pensamento de acomodação. Entretanto, não podemos nos esquecer de que o poder que ajuda a alcançar esses resultados não é nosso, mas do Espírito que opera em nós. Enquanto persistir a ideia de que algo, além do Deus todo-poderoso, seja responsável pelo sucesso, estaremos idolatrando o método.

Devemos procurar os melhores métodos, com a certeza de que a ferramenta somente será eficaz com o poder do Altíssimo. Cabe ao servo fiel se gloriar no nome do Senhor. “Uns confiam em carros de guerra, e outros, em seus cavalos; nós, porém, invocaremos o nome do Senhor, nosso Deus” (SI 20:7, NAA). 

Referências

- ¹ G. K. Beale, *Você se Torna Aquilo que Adora: Uma Teologia Bíblica da Idolatria* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2014), p. 17.
- ² Emile Durkheim, *The Elementary Forms Of Religious Life* (Nova York, Londres, Toronto, Sidney, Tóquio, Singapura: The Free Press, 1995).
- ³ Leonardo Boff, “O futebol como religião secular”, *Jornal do Brasil*, 29/6/2014.
- ⁴ Rodrigo Portella, “Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade da ciranda entre religião e secularização”, *Revista de Estudos da Religião*, 2013. Ver Deis Siqueira, “O labirinto religioso ocidental”, “Da religião à espiritualidade”, “Do institucional ao não convencional”, *Sociedade e Estado*, v. 23, n° 2, 2008.
- ⁵ G. K. Chesterton, *O Homem Eterno* (São Paulo: SP, Mundo Cristão, 2010), p. 119.
- ⁶ C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Quebec: Samizdat University Press, 2016), p. 7.
- ⁷ C. S. Lewis, “A última batalha”, *As Crônicas de Nárnia* (São Paulo: SP, Martins Fontes), 2009.
- ⁸ T. R. Hobbs, *Word Biblical Commentary: 2 Kings* (Dallas: TX, Word Incorporated, 2002), p. 252.



Bruno Lopes, mestre em Teologia Bíblica, é pastor em Alvorada do Norte, GO

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo o 2º Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

1. Um dos maiores desafios do cristianismo contemporâneo está relacionado ao **discipulado**. Desse modo, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse assunto. Os textos podem explorar aspectos bíblicos, históricos, teológicos e aplicados que aprofundem a compreensão acerca do discipulado cristão.
2. Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail ministerio@cpb.com.br. Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está cursando Teologia e o título do manuscrito.
3. Ao fazer citações bibliográficas, identifique as fontes. Insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use números arábicos nas notas. Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado. Os textos deverão conter no mínimo 8 mil e no máximo 15 mil caracteres com espaço.
4. Será aceito somente um artigo por autor.

PRÊMIOS

- 1º lugar:** Coleção Minicentro Ellen G. White
2º lugar: Coleção Comentário Bíblico Adventista
3º lugar: Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Publicação

1. Não haverá devolução dos artigos enviados.
2. Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2018**

Apoio:



Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia
Associação Ministerial

o poder da oração



Gentileza do entrevistado

Em 25 de julho de 2017, ao meio-dia de uma terça-feira quente e ensolarada, minha esposa, Marli, passou pelo escritório da União Paraguaia, em Assunção, me chamando para almoçar. Eu estava finalizando uma reunião e disse-lhe que iria em seguida. Alguns minutos depois, recebi um telefonema dela. Pensei que estava me ligando para dizer que o almoço estava pronto, mas quem falava do outro lado era Thayná, minha filha mais velha. “A Thayse sofreu um acidente terrível, papai!”, dizia entre soluços.

Tenho três filhas, Thayná, Thamyres e Thayse. Eu as amo muito e só de pensar em perdê-las me dá um nó no estômago. Foi com esse sentimento que corri escada abaixo para encontrar Marli com Thayse ensanguentada nos braços.

Mas o que havia acontecido? Quando minha esposa chegou em casa, Thayse quis trocar de roupa. Nossa filha escalou as prateleiras do armário que, embora pequeno, é pesado, fazendo-o cair sobre ela. Ela fraturou a cabeça em vários lugares e também a apófise mastoide, osso saliente localizado na parte de trás do ouvido. Isso fez com que o ouvido dela começasse a sangrar muito. Marli levantou o móvel e saiu com nossa filha na rua gritando por socorro. Um carro parou e as levou até o escritório.

Com o auxílio de Paulo Fabrício, tesoureiro da União, fomos rapidamente em direção ao hospital. Foram sete minutos desde o acidente até nossa chegada ao pronto atendimento. No percurso, Thayse parou de respirar diversas vezes. Fizemos respiração boca a boca, mas ela continuava inconsciente.

Enquanto isso, Deus conduzia tudo em todos os detalhes. Estávamos indo ao Hospital Adventista de Assunção, mas Ele fez com que Paulo se lembrasse de um atendimento mais próximo, o Hospital de Traumas. Quando chegamos ali, havia dois enfermeiros com uma maca pronta na recepção. Eles pegaram nossa filha desacordada e, correndo, levaram-na ao setor de emergências, onde os médicos a entubaram. Ela ficou em coma durante 48 horas...

Quando Thayse já estava sob monitoramento, a equipe médica nos informou de que havia três possibilidades para a situação dela. Poderiam surgir coágulos ou edemas no cérebro, o que demandaria uma cirurgia. Talvez fosse necessária uma cirurgia de restauração no osso do rosto e do ouvido. E corria-se o risco de sequelas na visão e audição.

Não há como explicar a dor que sentíamos ao ver nossa filha em uma cama de UTI. Entretanto, algumas coisas aconteceram naquela ocasião. Uma mulher desconhecida se aproximou de Marli, que chorava muito, orou com ela e disse que tudo ia ficar bem. Eu escrevi a um pastor amigo para que orasse por minha filha. Ele replicou o pedido para outros líderes da igreja que, por sua vez, levaram a petição adiante. Desse modo, formou-se um grande exército de intercessores.

A quantidade de pessoas que souberam do acidente e oraram por nós me impressionou. Na última vez que olhei minha conta no Facebook, a postagem sobre o assunto já contava com quase 50 mil visualizações, sem falar de outras redes sociais por onde a notícia circulou. Em diversos países, milhares de pessoas oraram, e Deus respondeu. Thayse saiu da UTI no pôr do sol de sexta-feira e, em oito dias, deixou o hospital. Ao contrário de todo o prognóstico, ela não ficou com nenhuma sequelas!

Deus nos chama a orar intercessoriamente. Embora haja muitos motivos pelos quais devemos orar, estou certo de que precisamos clamar urgentemente pelo batismo do Espírito Santo. Ellen G. White viu “um grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viu-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. [...] Portas se abriam por toda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial. Grandes bênçãos eram recebidas pelo fiel e humilde povo de Deus” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 345).

Eu quero fazer parte desse movimento! Agradeço a todos que oraram por Thayse e deixo um apelo para que oremos mais. Certamente veremos grandes milagres! **IM**

Evandro Fávero é presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Paraguai

Batismos **inesquecíveis**

© shyshka / Fotolia

Um dos ritos mais importantes e frequentes da igreja é a cerimônia batismal. Ellen G. White destaca que “tudo que de algum modo se relaciona com esse rito sagrado deve revelar cuidadoso preparo” (*Evangelismo*, p. 315). Contudo, é comum ouvir entre pastores diversas histórias sobre batismos “inesquecíveis” que celebraram. Gostaria de compartilhar alguns relatos inusitados que aconteceram comigo, a fim de sugerir algumas dicas para fazer com que, de fato, esses sejam momentos positivamente memoráveis.

Certa ocasião fui a uma cidade para iniciar uma série evangelística de três meses. A igreja em que ocorreria a campanha estava sendo construída, e o tanque batismal havia ficado pequeno e incômodo. Ao procurar o irmão responsável pela construção para lhe dar algumas sugestões quanto ao batistério, ouvi a seguinte resposta: “Se não gosta, faça-o você mesmo!” Na primeira cerimônia batismal daquela igreja, fui o responsável por inaugurar o tanque com um candidato alto e calvo. Ao imergi-lo, sua cabeça raspou na parede, causando-lhe um machucado na parte posterior. Como se isso não bastasse, ao sair da água, sua frente bateu contra uma viga que cruzava a escada, produzindo instantaneamente um galo na testa. Para esse novo membro, certamente seu batismo foi inesquecível!

Às vezes o batismo é inesquecível para o pastor. Enquanto visitava uma igreja, fui abordado por uma senhora batizada por mim havia 25 anos. Ela me olhou, rindo e dizendo: “Este é o pastor que eu batizei!” Então me lembrei da situação. Seu medo de

água era tão grande que, na hora em que eu a imergi, fui afundado por ela. Por isso, é importante conversar com o candidato antes da cerimônia para explicar-lhe como será o batismo e tranquilizá-lo.

Algumas vezes tive que trocar de roupa em lugares inadequados e, outras vezes, diante dos batizando. Contudo, jamais me esquecerei do dia em que precisei trocar de roupa na sala ao lado do tanque batismal. Embora tenha tomado algumas precauções, estas não foram suficientes. No exato momento em que eu estava sem traje algum, a porta que dava acesso à nave da igreja foi aberta. Para mim e para os espectadores, esse também foi um batismo inesquecível. Lembre-se, portanto, de prover vestiários adequados para atender ao pastor e aos candidatos com privacidade.

Em determinadas ocasiões será necessário utilizar um tanque batismal portátil. Nesses casos, é importante instalá-lo e decorá-lo muito bem, especialmente para que a entrada e saída dos batizando seja muito discreta. Em minhas campanhas evangelísticas, tenho preferido officiar a cerimônia em um rio ou numa piscina.

Outro detalhe importante é a quantidade de água. Quanto mais água houver, mais fácil será imergir o candidato. Isso evita que o pastor tenha que abaixar demais o batizando, levando-o a reagir com certa apreensão à saída da água. Além disso, convém aquecer a água antes da cerimônia, especialmente em lugares mais frios.

O batismo de pessoas incapacitadas ou de deficientes físicos exige certa atenção. Tenho visto candidatos serem levados com

grande esforço às águas em uma cadeira ou carregados por dois ou três diáconos, enquanto a congregação acompanha a cena com preocupação. Pergunto: seria possível batizá-los em outro momento, em melhores circunstâncias?

A realização de grandes cerimônias batismais também merece uma organização especial. Quando eu era um evangelista com pouca experiência, batizei cerca de 200 pessoas numa tarde. Além disso entreguei os certificados, as flores, as Bíblias, etc. Bem, foi algo mais do que uma tarde, pois a cerimônia terminou pouco depois da meia-noite... Assim, quando houver muitos candidatos, execute cada parte do modo mais breve possível. Se for necessário, elimine a entrega de presentes e certificados. Você pode mostrá-los e dizer que serão entregues posteriormente. Escolha um ou dois testemunhos e encerre com um apelo, antes que comecem a sair aqueles que poderiam aceitar o convite para seguir a Cristo.

Certamente uma cerimônia batismal bem organizada leva as pessoas a comentar por muito tempo acerca do que viram e ouviram, desde a decoração, as boas-vindas, a pregação, o apelo até a oração final. Quando isso ocorre, de fato, é um batismo inesquecível! 



Cortezia do autor

José Plescia é pastor jubilado e reside na Argentina



O Poder da Pregação Bíblica: Segredos de Grandes Oradores Atuais

Derek J. Morris, Casa Publicadora Brasileira, 2016, 184 p.

O ensino e a prática da pregação bíblica estão em crise. Essa realidade nos obriga a avaliar e transformar nosso modo de pregar o evangelho. Todos a quem Deus chamou para o ministério devem desenvolver novos métodos homiléticos que ajudem a comunicar as profundas riquezas de Sua Palavra de forma efetiva e relevante. Este livro contém dicas de renomados pregadores contemporâneos. É um valioso recurso de orientações práticas, relatos e conselhos reunidos pelo autor ao longo de seu ministério, que ajudarão você a se tornar um pregador de sucesso! Certamente será de grande ajuda para pastores, anciãos, líderes de igreja e membros interessados.

Derek J. Morris, doutor em Ministério, é pastor e professor de pregadores. Foi editor da revista *Ministry* e, atualmente, trabalha como diretor da Hope Channel TV.



Pregação Bíblica: O Desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos

Haddon W. Robinson, Shedd Publicações, 2ª ed., 272 p.

Nesta segunda edição atualizada, Haddon Robinson ampliou grande parte do material sem mudar seu procedimento básico: “Os sermões precisam tratar de ideias.” Ele apresenta um método simples, prático e motivador para a preparação de sermões. Sua simplicidade, porém, não oculta a profundidade bíblica e científica do seu pensamento.

Além de expor detalhadamente cada etapa da preparação do sermão, o doutor Robinson oferece excelentes conselhos, orientações e técnicas para pregar, utilizando vários recursos da arte moderna da comunicação.

Pregação Bíblica é um livro-texto que não pode faltar na biblioteca de pastores, estudantes de Teologia e de todos os que desejam dominar os fundamentos da pregação. Seu estilo é agradável e fluente. Suas definições são exatas e, seus conselhos, muito úteis.

Journal of Adventist Theological Society – JATS

Trata-se de um jornal acadêmico semestral publicado pela Adventist Theological Society (ATS). O *JATS* é traduzido intermitentemente para o alemão, espanhol e russo. Sua primeira edição foi publicada em 1990. Em sua maioria, os colaboradores são eruditos e doutores do Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews e do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

A ATS também publica o *Perspective Digest*, que apresenta uma seleção de artigos do *JATS* em um formato mais popular, permitindo que sua erudição se estenda para além do ambiente acadêmico.

Site: <http://www.atsjats.org>



O poder da pregação

A igreja cristã foi construída sobre a pregação poderosa. Nos dias dos apóstolos, foi a pregação, e não a política, o que transtornou o mundo inteiro (At 17:6). A Reforma Protestante aconteceu graças a pregadores consagrados e cheios do Espírito Santo. A pregação tem mudado as estruturas sociais, desfeito tiranias e libertado multidões da escravidão e da superstição. Os grandes momentos na história da igreja têm sido influenciados principalmente pela pregação bíblica cheia do Espírito. Mas como foi possível? Qual é o segredo por trás da pregação?

Por natureza, a pregação, seja ela evangelística ou pastoral, é uma forma de comunicação persuasiva. Pregação persuasiva não é propaganda; seu foco principal é a verdade (Jo 16:13; 8:32; 17:17). Não se trata de um ditado para uma classe, por mais que possa ser enriquecida pela pesquisa acadêmica. Não se trata de reminiscências pessoais, embora logicamente a história de vida do pregador tenha sua influência. Não se trata apenas de dar bons conselhos, de divertir ou de transmitir informações.

A pregação persuasiva procura convencer e motivar o ouvinte a agir com base na revelação de Deus nas Escrituras. Esforça-se para quebrar a resistência e neutralizar a indiferença para com o reino de Deus e o senhorio de Cristo, a fim de levar o ouvinte a uma decisão ao lado do Salvador. No Novo Testamento, esse fenômeno pode ser observado nos vários empregos do verbo *peitho*, que significa “persuadir” ou “convencer”. Por exemplo, Paulo e Barnabé “os persuadiam [judeus] a perseverar na graça de Deus” (At 13:43); Paulo pregava “persuadindo tanto a judeus como gregos” (At 18:4); Paulo passou três meses em Éfeso “persuadindo com respeito ao reino de Deus” (At 19:8); e, em Roma, Paulo “desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los [judeus] a respeito de Jesus” (At 28:23).

A verdadeira pregação inclui elementos subjetivos, bem como dados objetivos. Sendo uma forma de comunicação integral, reconhece tanto os processos racionais quanto os emocionais dos ouvintes. Combina

análise lógica com o fervor emocional. Assim, a pregação faz mais do que apenas informar o ouvinte; ela o convida e convence. Em suma, a pregação é a proclamação do que Deus fez por meio de Cristo no Calvário. É a mensagem de Deus, não a nossa. Anuncia o que Deus fez, faz e fará por intermédio do Salvador em favor de Seus filhos.

Sem dúvida, “muitos não consideram a pregação um meio apontado por Cristo para instruir Seu povo, e que, portanto, deve sempre ser altamente prezada. Não sentem que o sermão é a palavra do Senhor [...]. O pastor não é infalível, mas Deus o dignificou por torná-lo Seu mensageiro. Se vocês o ouvirem como se ele não fosse comissionado pelo alto, não respeitarão suas palavras nem as receberão como mensagem de Deus. [...] O meio designado por Deus para salvar pessoas é a ‘loucura da pregação’ (1Co 1:21)” (Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 5, p. 298, 300).

Não é de surpreender, então, que o inimigo procure minimizar o poder do púlpito! “É decidido propósito de Satanás interromper toda comunicação entre Deus e Seu povo, para que possa aplicar seus astutos enganos sem interferência de qualquer voz de admoestação para conscientizá-los do perigo. Se ele puder levar os homens a desconfiar do mensageiro ou a eliminar a santidade da mensagem, saberá que o povo não se sentirá sob obrigação de dar ouvidos à Palavra de Deus que lhes é dirigida. Então, quando a luz é tida como trevas, Satanás conseguiu seu objetivo” (Ibid., p. 300).

O inimigo teme menos os ministros na função de administradores, supervisores, conselheiros, financistas e organizadores do que como pregadores. Pois, em seu papel de pregador, o ministro é um embaixador e representante das cortes celestiais, um porta-voz de Deus. Que privilégio temos de ser arautos da herança do reino eterno a um mundo que perece! **M**



A pregação faz mais do que apenas informar o ouvinte; ela o convida e convence.”



Gentileza do autor

Walter Steger, bacharel em Teologia, é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol.

Mãe



ATÉ 3
1 1/2, 2, 2 1/2

LEVA UM CASACO, QUE VAI FAZER FRIO.

LEVA UM GUARDA CHUVA PORQUE VAI CHOVER

FILHAAAAAA

MEU CELULAR

NÃO ESTÁ FUNCIONANDO!

você não é todo mundo



NAS COMPRAS ACIMA DE R\$ 150,00
VOCÊ GANHA ESTE LIVRO: SINTA-SE BEM

MÃES. ELAS SE PARECEM. MAS A MINHA É ÚNICA!